

# LÉGERÍN

No. 6

"A insistência no socialismo é a insistência em ser humano"



A Conspiração Internacional <i>Abdullah Öcalan</i>	4
Perspectiva Internacionalista <i>A Comuna Internacionalista</i>	7
As últimas palavras da Şehîd Sara <i>Jovens Mulheres Internacionalistas</i>	10
Socialismo Democrático <i>Rotinda Canan</i>	12
Atakan Mahir Revolucionário, Filósofo, Guerilheiro do século XXI <i>Nuda Dersim</i>	15
A busca pela liberdade <i>Ş. Siyar Gabar</i>	17
Status Quo <i>Cihan Kendal</i>	19
Monika Ertel Um Revolucionário Internacionalista <i>Tirej Swiss</i>	22
Trabalho de saúde na Revolução <i>Entrevista com Xweza</i>	25
O que aconteceu na história?	28
Letra para um hino <i>Manuel Alegre</i>	33

## Merhaba hevalno

Com muitos acontecimentos importantes, deixámos o ano de 2021 para trás. Grande resistência e luta contínua acompanharam-nos. A luta heróica das guerrilhas nas montanhas do Curdistão, juntamente com companheiros valiosos que deram a vida por um mundo melhor, foram a luz da nossa luta. Mais uma vez deixámos clara aos Estados a vontade e a força da juventude, a determinação da revolução e a convicção e a esperança das forças democráticas. Para alcançar o sucesso revolucionário no ano novo, temos de avaliar o último ano corretamente, analisar minuciosamente as possibilidades para o novo ano e, assim, criar uma perspectiva em conjunto. Como continuar a luta revolucionária? O que fazer? Por onde começar? Discutimos todas estas questões como conselho editorial e a nossa resposta é a 6ª edição da revista Lêgerín! Esperamos que com esta nova edição possamos ser uma base e uma perspectiva para as vossas discussões.

Embora estejamos a iniciar o novo ano com a maior paixão, o inimigo também se está a preparar.

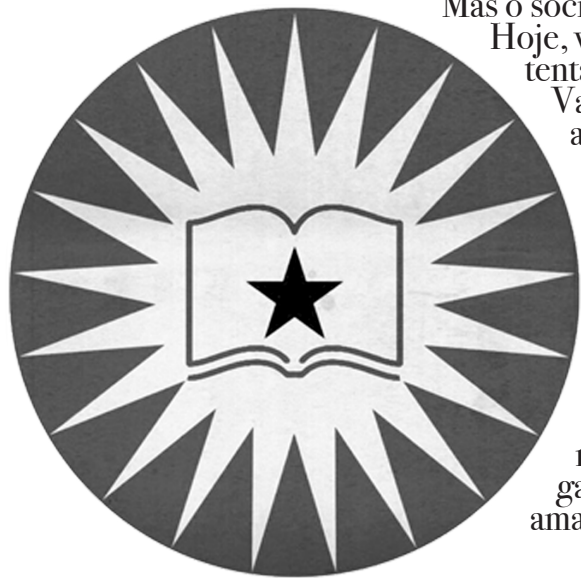
O movimento da juventude, em particular, está a ser alvo de ataques. Ataques de drones contra ativistas da juventude em Rojava, a guerra especial contra o movimento da juventude no Curdistão e ataques deliberados contra jovens e jovens mulheres no norte do Curdistão são comuns. O movimento da juventude é o motor da revolução no Curdistão e a expressão do sistema alternativo. Por esta razão, o movimento da juventude é um espinho para os Estados-nação.

No meio da guerra, a revolução no Curdistão é uma utopia viva e a esperança de um mundo melhor. Embora a conspiração interestatal contra Abdullah Öcalan e contra o movimento de libertação, a 15 de fevereiro de 1999, visava acabar com o socialismo para sempre, as nossas ideias e pensamentos, tal como o novo paradigma, chegaram a milhões de pessoas em todo o mundo e esmagaram a tentativa do inimigo. Eles tentam isolar o socialismo, através da tortura de isolamento, na ilha-prisão de Imrali.

Mas o socialismo vive internacionalmente!

Hoje, vamos deixar as nossas utopias florescerem juntas no Curdistão e tentar levar as cores da revolução em conjunto para o mundo cinzento.

Vamos defender em conjunto a revolução no Curdistão e construir a alternativa em todo o mundo!



Na nossa revista, compartilhamos experiências e análises da revolução para construir pontes entre os povos em luta em todo o mundo. Queremos ser uma inspiração para discussões e processos revolucionários, o fogo para um novo internacionalismo. A nossa presença espalha-se como fogo, somos o pesadelo do fascismo turco e do liberalismo ocidental. Todos os dias, camaradas de todo o mundo juntam-se às fileiras da revolução e tornam-se parte da vida revolucionária. Todos os dias, o internacionalismo revolucionário aumenta o potencial das nossas organizações e da nossa resistência. Estamos a construir o mundo de amanhã. Um mundo verdadeiro, justo e democrático.

Contato: [legerinkovar@protonmail.com](mailto:legerinkovar@protonmail.com)

Reddit, Instagram y Twitter: [@RevistaLegerin](https://www.instagram.com/RevistaLegerin)

# A Conspiração Internacional

| Abdullah Öcalan



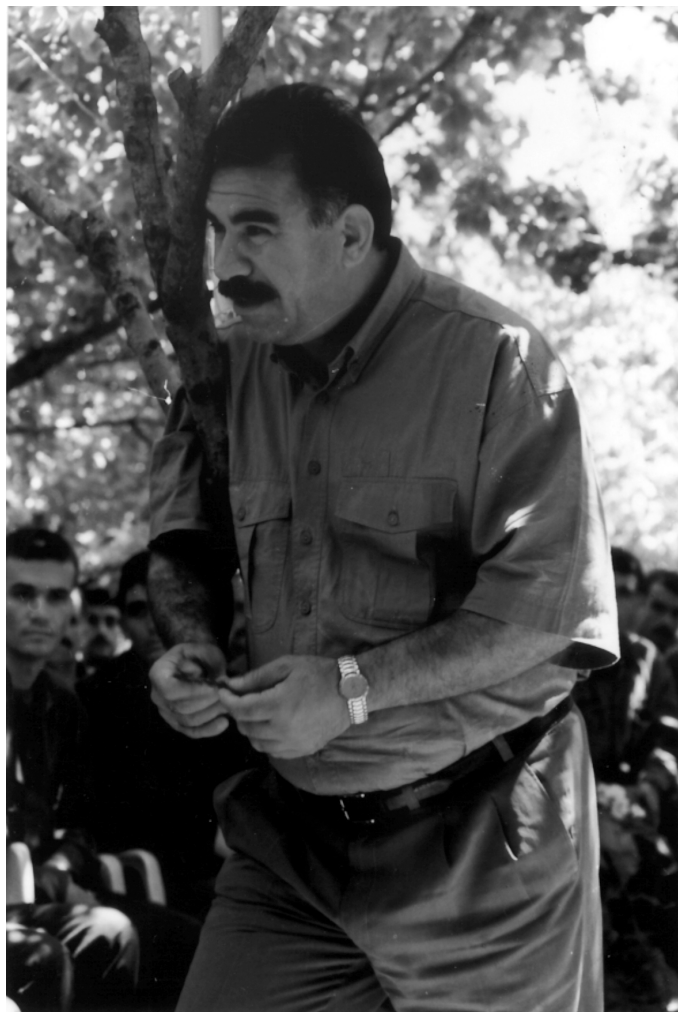
**P**assaram exatamente 20 anos desde que Rêber APO foi capturado pela conspiração interestatal da modernidade capitalista. Durante este 20 anos, a história da humanidade testemunhou uma resistência unicamente magnífica. Desde a sua cela, Rêber APO recriou o PKK com os seus Textos da Prisão e tornou-o ideologicamente, socialmente e militarmente ainda mais forte do que antes. O seguinte é um excerto do seu “Manifesto por uma Civilização Democrática – Volume 1”. Neste pequeno texto, Rêber APO analisa a conspiração interestatal desde uma perspectiva muito abrangente e conclui que “O verdadeiro poder da modernidade capitalista não está no seu dinheiro ou nas suas armas; o seu verdadeiro poder está na sua capacidade de sufocar todas as utopias – incluindo a utopia socialista que é a última e mais poderosa de todas – com o seu liberalismo.”

Após a traição da amiade pelo Estado-nação grego e da sua relação com a República da Turquia ter sido adicionada à equação de interesses, eu fui entregue aos EUA (logo, à CIA). Quando fui inicialmente levado para a prisão de Imrali, fui visitado pela então presidente do Comitê

Europeu para a Prevenção da Tortura, Silvia Casale. Ela disse, “Vais ficar nesta prisão e vamos tentar encontrar algum tipo de solução sob a supervisão do Conselho Europeu.” Fui então acorrentado às pedras de Imrali; condenado a viver um destino mais severo do que aquele da mitologia de Prometeus.

## A dinâmica da conspiração interestatal

É importante discutir como e porque é que eu saí da Síria, visto que isto começou a cadeia de eventos que levou ao meu sequestro. A minha partida da Síria foi resultado das contradições que surgiram novamente do valor que eu dou à amizade e das políticas curdas de Israel. Após a sua fundação, pouco depois da Segunda Guerra Mundial, Israel tentou empadriñar a questão curda mas era tão sensível que não teve tolerância para a solução alternativa proposta pelo nosso movimento, que se tornou mais influente. A alternativa que propusémos não servia os interesses de Israel. Eu não devo, contudo, negar os seus esforços; a MOSSAD convidou-me indiretamente para trabalhar com eles na sua própria solução. Mas eu não estava disposto a isto, nem o desejava—nem politicamente nem moralmente. Por outro



lado, o governo sírio-árabe nunca desejou ultrapassar a sua aliança tática com a liderança do PKK. Uma aliança com o PKK tinha sido parte da resposta da Síria às ameaças que chegavam da Turquia desde 1958 e das tendências extremamente pró-Israel da Turquia. O PKK não rejeitou esta relação tática (Ninguém queria ver que esta relação puderia levar a uma política curda alternativa; logo, os esforços das administrações turcas não tiveram efeito). Mas, vendo que Hafez al-Assad obtivera a liderança síria devido à luta pelo poder entre os EUA e a URSS, a síria não estava em posição de manter nenhuma das suas alianças táticas após a desintegração da União Soviética. Mesmo este pequeno lembrete demonstra que, apesar da pressão política dos EUA e da pressão militar da Turquia terem tido definitivamente um papel, a verdadeira potência que me forçou a sair da Síria foi Israel. Não deve ser esquecido que Israel e a Turquia já tinham acordos clandestinos nos anos 50 e, com o segundo acordo “anti-terror” de 1996, a aliança anti-PKK entre os EUA, Israel e a República da Turquia estava completa.

Outro factor crítico foi a coligação anti-PKK que a Turquia já tinha iniciado com a União Patriótica do Curdistão (PUK) e o Partido Democrático Curdo (KDP), ambos os quais já tinham relações com os EUA e com Israel; por outras palavras, com a Assembleia Federal Curda e com a sua administração, estabelecida em 1992. A combinação de todos estes factores adversos levou-me a sair da Síria em 1998. Além disso, eu sabia que estava na altura de me ir embora. Já estava na Síria há demasiado tempo, seduzido pelos

desenvolvimentos políticos em torno do Curdistão e pela amizade que esperava que resultasse em cooperação estratégica. Tenho de admitir que altos cargos do governo sírio me tinham avisado sobre as suas desvantagens. Contudo, eu não queria desistir da minha crença no poder da amizade e cooperação entre povos. Pela mesma razão, saí da Síria para a Grécia. Queria desenvolver ligações com o povo grego, aprender com a sua cultura clássica e com a sua história trágica. A minha única alternativa era ir para as montanhas do Curdistão. Dois factores fizeram-me decidir não o fazer. Primeiro, a minha preceção atrairia forças militares massivas. Isto levaria a danos sérios aos civis da região e aos meus camaradas; também poderia levar a que a luta armada se tornasse no único meio de obter uma solução para a questão curda. Segundo, era uma necessidade urgente educar a juventude que se juntava à nossa organização. Resumidamente, as declarações oficiais e não oficiais na Turquia de que “temo-lo encurralado” e “vejam os resultados que obtivemos” não refletem totalmente a realidade. Apesar disto, a Turquia continua a tentar iludir o Irão e o Iraque da mesma forma que o fez com a Síria. O resultado da aliança da Turquia com a Síria e com o Irão também não se pode prever. Se os antagonismos entre os EUA, a UE, Israel, o Irão, a Rússia e a China se intensificarem, estará a república turca pronta para enfrentar as consequências?

### **A modernidade capitalista ataca as nossas utopias**

Contudo, a minha peregrinação de três meses entre Atenas, Moscovo e Roma não foi sem valor. Esta aventura levou-me a compreender a essência da modernidade capitalista — a base sobre a qual esta defesa está construída — apesar das suas muitas máscaras e disfarces. Se não fosse esta visão, eu teria sido um nacionalista primitivo aspirando um Estado-nação, ou teria acabado num movimento clássico de esquerda. Assim, a minha mudança de pensamento e de política pode ser atribuída a esta aventura forçada. Tornou-se agora claro para mim: o verdadeiro poder da modernidade capitalista não é o seu dinheiro ou as suas armas; o seu verdadeiro poder reside na sua capacidade de sufocar todas as utopias — incluindo a utopia socialista que é a última e a mais poderosa de todas — com o seu liberalismo. Se este poder do liberalismo não for analisado em profundidade, nenhuma ideologia escapará a ser o humilde servo do capitalismo. Não há quase ninguém que tenha analisado o capitalismo de forma tão abrangente como Marx, ou que se concentrasse tanto no Estado e na revolução como Lenine. No entanto, tornou-se hoje muito mais claro que, apesar de afirmar ser a sua negação, a contribuição da tradição marxista-leninista para o capitalismo em termos materiais e de sentido foi significativa. Para ajudar a canalizar a humanidade para o seu fluxo natural, precisamos de entender o indivíduo e a sociedade trazidos pelo liberalismo. Além disso, para compreender o meu próprio destino, preciso de compreender a modernidade capitalista por trás do representante do Conselho da Europa que me recebeu na prisão de Imrali. Toda a odisséia foi planeada por Israel, pelos EUA, pela UE e por uma Rússia Soviética desintegrada. Os governos sírio, grego e turco tiveram um papel secundário; eles apenas deram uma mão de ajuda, uma mão burocrática. Tal como eu disse durante o meu interrogatório aos representantes das quatro principais instituições da Turquia (o serviço de inteligência do chefe de Estado-Maior, o Serviço Nacional de Inteligência, a Direção Geral

de Segurança e a Inteligência da Gendarmerie), eles não tinham motivos para celebrar a minha captura. Disse-lhes que não participei numa luta corajosa, mas numa conspiração. A forma como fui capturado demonstrou que a modernidade capitalista, da qual os EUA são o líder mundial, é um sistema sem inibição para oprimir e abusar.

### **A conspiração foi dirigida contra o curdo livre**

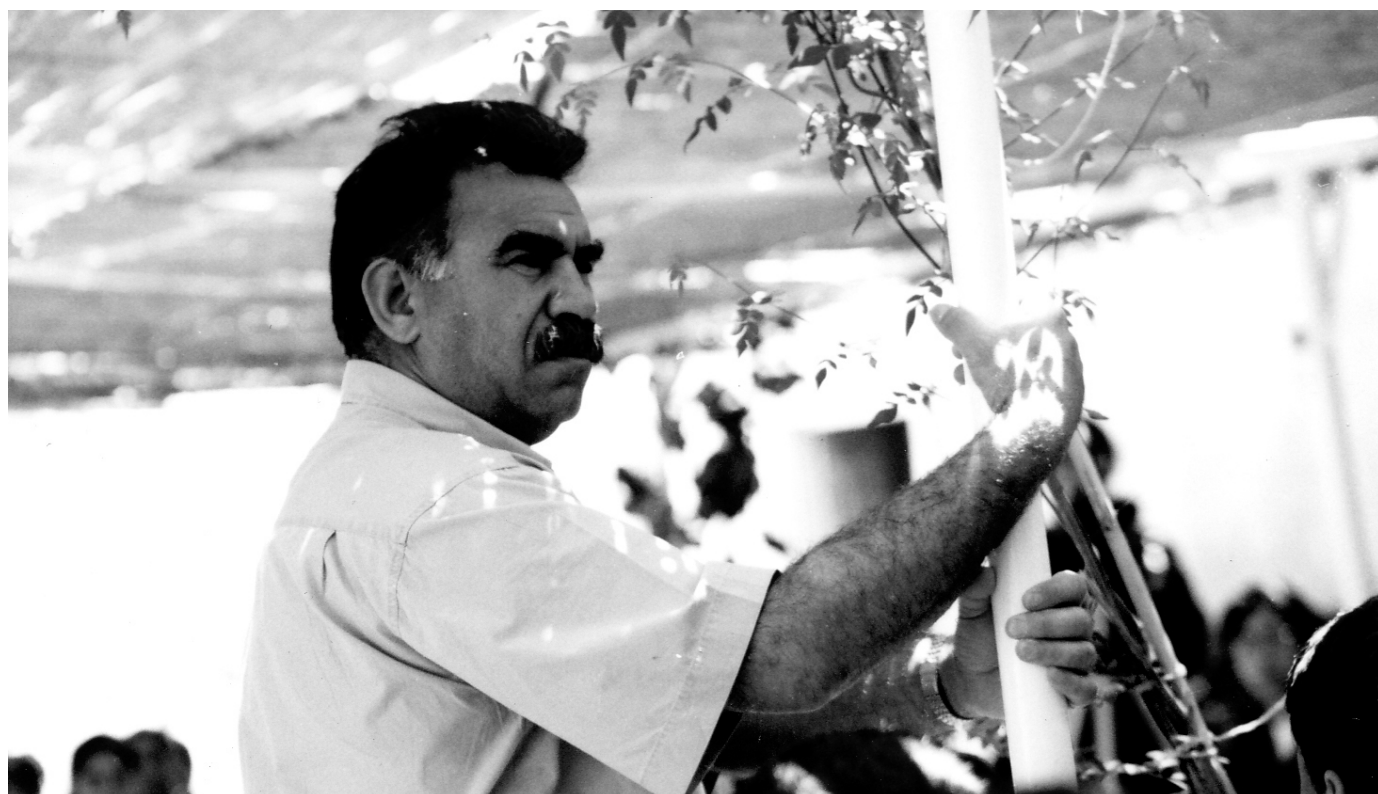
Não é como se eu não entendesse a forma como o Estado turco operava. Pelo contrário. Naquela época, existia um decreto de morte por se ser curdo. Eu tinha uma escolha: ou eu ia resistir—para não desistir da minha honra, da minha humanidade, de ser curdo—ou eu ia negar quem eu sou e desaparecer num cativeiro obscuro. No início eu estava sozinho e muito fraco, mas resisti. Não vou entrar num discurso sobre isto; aqueles que o testemunharam vão atestar que eu tenho lutado bem. Também não sinto nenhuma raiva. Mas estou zangado de não ter sido capaz de transcender os conceitos e a ideologia subjacentes ao sistema capitalista ocidental. O sistema com que nos confrontamos baseia-se supostamente nos direitos humanos. Na realidade, porém, é um grupo de elite que manipula e explora o resto da humanidade e da natureza, desencadeando a guerra sempre que isso é do seu interesse. São eles que ditam os papéis que o resto da humanidade deve desempenhar.

Embora a sociedade em que nasci não tenha progredido para além da cultura Neolítica, tem prontamente integrado os efeitos negativos das diferentes fases da civilização. A modernidade capitalista combinada com as tradições mais rigorosas e conservadoras do Médio Oriente resultou na nossa sociedade a ser cercada pelo ideal do nacionalismo étnico e do Estado-nação. Esta é, de facto, a ideologia dominante na nossa sociedade e

aquela mais difícil de nos desembaraçarmos. Em combinação com a possibilidade sempre presente de violência, este ideal escraviza-nos a todos numa vida sem oportunidades antes mesmo de nascermos. No entanto, não me fui

embora da Turquia por causa da "resistência gloriosa". Na verdade, procurava algum espaço para a resolução da questão nacional a que nos dedicámos através de uma análise dogmática de esquerda. O PKK não tinha hipóteses de sobrevivência no Médio Oriente se não tirasse vantagem dos vazios do sistema. Ainda assim, o facto de o PKK ter sido capaz de travar uma luta armada foi importante devido às suas implicações. Para os curdos, significou um aumento da politização. O facto de os curdos terem sido capazes de se libertarem progressivamente dos colaboradores clássicos significa que, pela primeira vez, a alternativa da liberdade foi sentida e compreendida. É exatamente por isso que este movimento nunca foi abraçado pelos chamados Estados-nação "modernos" (Estados que na realidade se assemelham aos regimes despóticos dos tempos medievais); que os colaboradores curdos, os Estados-nação da região e os líderes mundiais imperialistas conspiraram para designar o PKK como uma "organização terrorista". A falácia de que a ideologia conquistadora do Islão e a ideologia nacionalista do liberalismo tinham eliminado e excluído os curdos da história foi destruída pelo curdo livre—um indivíduo curdo livre e uma sociedade curda livre. Na verdade, não sou eu, mas este ser curdo livre que cumpre a sentença de confinamento solitário nesta ilha-prisão de um único recluso. Que esta sentença não tem a ver com o indivíduo Abdullah Öcalan é claro das políticas de detenção aplicadas diariamente durante os nove anos em que estive isolado em Imrali—estas não são as políticas aplicadas nas prisões normais turcas.

Vim a perceber que a Turquia não pode decidir lutar ou fazer a paz em seu próprio nome. O papel que foi atribuído à Turquia é de ser o polícia vulgar, o cão de vigia e o guarda prisional de todos os povos do Médio Oriente, a fim de os tornar mais susceptíveis à opressão e exploração do sistema capitalista. Portanto, a estabilidade das sociedades turcas e anatólias—tanto na Europa como fora dela—é de importância crítica para o sistema. As relações da Turquia com a NATO e a UE devem ser entendidas em termos destas políticas.





# Perspectiva Internacionalista

| A Comuna Internacionalista

**C**aras e caros camaradas  
Deixámos para trás um ano revolucionário. Houve muitos acontecimentos que nos acompanharam este ano, influenciaram as nossas vidas e apoiaram a nossa luta. De modo a entrar no novo ano com sucesso, é importante rever o ano passado e formular perspectivas claras para o próximo ano. Neste contexto, queremos saudar a incrível resistência em Imrali e recordar os camaradas que caíram na luta por um mundo melhor no último ano.

Caras e caros camaradas  
A conspiração contra Reber APO, que começou a 15 de fevereiro de 1999, é um dia negro para a sociedade curda. Trata-se, antes de mais, de um ataque contra os povos do Médio Oriente. É um ataque contra o internacionalismo, o socialismo e a libertação. Quando Reber APO começou a criticar o socialismo real nos anos 90, uma nova perspectiva socialista foi formada a partir do movimento de libertação curdo, que ganhou nova força com a crítica do existente e levantou novamente a bandeira do socialismo em queda. Desde então, o desenvolvimento da revolução no Curdistão tem sido uma ameaça direta à modernidade capitalista. A conspiração que se seguiu é a resposta a uma análise e uma prática bem sucedidas do movimento de libertação curdo. Também o massacre em Paris, a 9 de janeiro de 2013, das três camaradas Sakine Cansiz, Fidan Dogan e Leyla Saylemez, foi uma tentativa de expandir o enredo e eliminar o movimento das mulheres, eliminando as suas líderes. Os assassinatos nunca foram devidamente esclarecidos e, tal como o sequestro e a cooperação inter-estatal contra o movimento de libertação na conspiração contra Reber APO, é uma mancha negra na história da humanidade; o papel da cooperação inter-estatal

nos assassinatos de Paris também foi encoberto. A conspiração contra o movimento de libertação curdo, iniciada em 1999, não conseguiu obter sucesso. Por isso, a modernidade capitalista tenta todos os anos estagnar a luta pela liberdade com novas tentativas. Os jogos loucos dos Estados mostram-nos que a filosofia de Reber APO está a ganhar cada vez mais terreno internacionalmente e pode ser uma verdadeira alternativa. Mas, acima de tudo, expressa uma coisa, que a modernidade capitalista teme as ideias, a filosofia e a sociologia da Liberdade! Milhões de pessoas em todo o mundo estão conectadas às ideias e filosofia de Reber APO. Milhares de pessoas responderam este ano, com milhares de ações em todo o mundo, ao isolamento desumano de Reber APO. Milhares de pessoas expressaram a sua solidariedade com a revolução no Curdistão e com Reber APO através de ações criativas. Os Estados retrógrados e a marioneta Erdogan, que tentam atacar a revolução uma e outra vez e silenciar a voz de Reber APO, puderam testemunhar este ano que a nova tentativa de conspiração contra Reber APO e contra o movimento de libertação fracassou! Houve uma tentativa deliberada de dar um golpe à luta, atacando a liderança do movimento de libertação, para separar o partido da sua ideologia e, finalmente, para colocar as regiões de Maxmur, Rojava e Şengal sob o controle dos Estados da região. Mas a resistência da guerrilha pôs fim ao capital. Os Estados tentaram trancar a filosofia do socialismo na ilha de tortura de Imrali desde 1999, mas os pensamentos e ideias do movimento de libertação estão a florescer hoje não só na revolução em Rojava, mas estão a inspirar pessoas de todo o mundo. A defesa desta ideia, a defesa para a construção do confederalismo democrático, é feita no seu maior expoente pela guerrilha nas montanhas do Curdistão.

### Caras e caros camaradas

Não é e não foi uma coincidência que o Estado turco, com todos os seus meios, atacou primeiro as montanhas, o centro do movimento. Grandes sucessos foram alcançados pela guerrilha nas Zonas de Defesa Medya, que começaram logo no início do ano com uma luta heróica e até hoje em Avaşın, Zap, Haftanin e muitas outras áreas não cedem um passo para o inimigo e repelem-no, bem como em revoltas em todas as partes do mundo contra o existente sistema internacional estatal.

Com a resistência da guerrilha nas montanhas do Curdistão e com a vitória no início do ano em Garê, o movimento curdo demonstrou mais uma vez que o ser humano, com a sua vontade, esperança, empenho e amor é capaz de mudar o curso da história. A luta que a guerrilha está a travar nas montanhas do Curdistão é fundamental. Apesar das armas químicas e da tecnologia da NATO, o Estado turco não consegue fazer progressos e implementar a sua política misantrópica para a região. Os sonhos prometidos pelo AKP-MHP e as ilusões de expansão foram enterrados nas montanhas do Curdistão antes de serem expressos. Mas o jogo da modernidade capitalista não acabou. Os planos do capital internacional são cortar todas as utopias e lutas socialistas remanescentes pela raiz. O governo do AKP-MHP recebeu esta tarefa, mas falhou quando enfrentou a resistência do povo e do movimento curdo. O governo turco encontra-se agora numa situação muito delicada. O governo do AKP-MHP, com a sua guerra obsessiva e políticas expansionistas, levou o país a um colapso económico, político e social. A lira Turca afundou-se em valores recorde. O Plano para o Médio Oriente, que deveria garantir a integração dos povos do Médio Oriente na modernidade capitalista, estava condenado ao fracasso, mesmo na teoria. O clímax da crise é evidente na situação no Afeganistão e na Turquia. Os talibãs que tomaram o Afeganistão em poucos dias são apenas mais um exemplo. Também a situação em todo o mundo, o fascismo, o sexismo, o racismo, a pobreza, as pandemias e

as catástrofes naturais são cicatrizes profundas que sangram na história até hoje.

Por outro lado, vemos cada vez mais infelicidade e a procura pela liberdade e por uma vida melhor. As forças democráticas e socialistas, as revoltas das mulheres e jovens também abençoaram as palavras de resistência este ano! De ano para ano, o regime de terror da modernidade capitalista é cada vez menos suportável para as pessoas e para a sociedade. Por isso, a luta que a guerrilha está a travar nas montanhas do Curdistão é a defesa dos nossos valores humanos, a defesa do socialismo e da esperança. A incrível luta da guerrilha contra o fascismo do Estado turco mostra não só que o ser humano é a arma mais forte, mas também que outro mundo possível.

### Caras e caros camaradas

O capitalismo não é nem nunca foi uma solução para as sociedades e para a humanidade. Pelo contrário, é uma doença social que está a causar cada vez mais problemas. A modernidade capitalista está no auge da sua crise. O mundo precisa de ser redesenhado. O capitalismo terá de se reformar a si mesmo. Todos os Estados estão patologicamente a tentar garantir a sua existência e obter uma grande parte do bolo. Mas as máscaras da modernidade capitalista caíram. A maldade da construção do Estado-nação decifrou-se a si própria. As sociedades ao redor do mundo estão a reconhecer as verdades. A realidade dos Estados-nação e a sua ideologia retrógrada do liberalismo mostram-nos dia a dia que as ações dos Estados-nação se baseiam apenas no seu próprio lucro e poder. Nem a sociedade nem a natureza interessam ao capital internacional. Através da individualização, da fragmentação da sociedade e da centralização maciça dos aparatos estatais, através do fortalecimento das fronteiras, a verdadeira face do Estado-nação torna-se clara. O aumento dos conflitos nas fronteiras da Rússia e da Ucrânia e o golpe militar em Myanmar são apenas alguns exemplos. O Estado-nação é, na sua essência, o epítome do fascismo e do nacionalismo. Em vez de prevenir guerras, pôr termo aos conflitos regionais e proteger vidas humanas, as guerras são conscientemente





promovidas, quer activamente quer indirectamente, através do fornecimento de armas ou de interesses económicos específicos. A natureza, o nosso espaço de vida, é vendida para os interesses do mercado. As actuais catástrofes naturais e as alterações climáticas revelaram efeitos alarmantes. Incêndios florestais da Europa, à Austrália e à Turquia. Explosões vulcânicas, furacões, inundações da Alemanha à China, secas, derreter de calotes, a subida do nível do mar e, por outro lado, a Cimeira Mundial do clima, onde os Estados nos respondem com palavras vazias. A natureza está a exigir mudança. O combate à pandemia, que também pode ser entendida como uma expressão do capitalismo, serviu apenas como outro instrumento para atacar massivamente a socialidade e individualizar as pessoas.

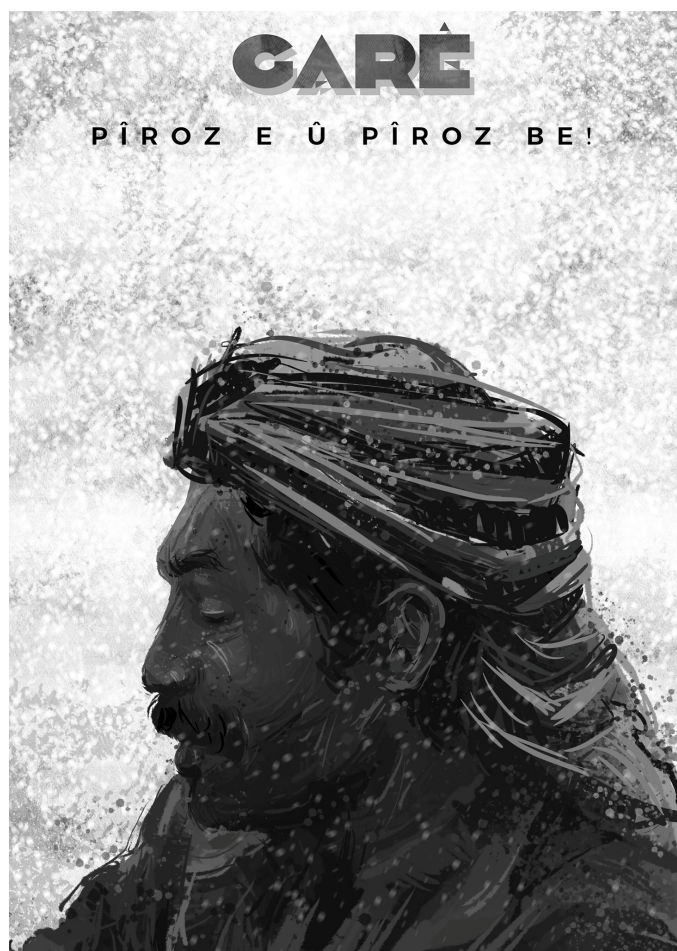
Femicídio, suicídio e outros problemas psicológicos sociais tornaram-se comuns. Por outro lado, vemos os protestos mundiais dos movimentos ecológico e da juventude que levaram a sua preocupação e raiva para as ruas ao longo do ano. A resistência d@s Zapatistas e a viagem internacionalista por uma perspectiva comum. O Parlamento da Catalunha, que este ano reconheceu a Região Autónoma do Nordeste da Síria. As mulheres em todo o mundo que lutam contra o patriarcado e o Estado-nação, e a busca cada vez mais forte por alternativas na América Latina, são apenas alguns exemplos na construção da modernidade Democrática.

Defender e construir a alternativa!

Caras e caros camaradas

O próximo ano é importante para a nossa revolução. A guerra continua. Seja nas montanhas do Curdistão, em Rojava ou noutras partes do Curdistão. Embora a ameaça de uma nova invasão em grande escala a Rojava tenha sido muitas vezes expressada no ano passado, a guerra nunca parou. Os ataques contra civis em Rojava, ao hospital de Şengal, os ataques às aldeias de Til Temir e a representantes políticos são o dia-a-dia no Curdistão. Milhares de detenções em Bakur e na Turquia, ataques aos curdos, perseguições e assassinatos selectivos de activistas e planos de assassinatos mesmo na Europa mostram a extensão do fascismo. O fascismo da Turquia é o rosto da modernidade capitalista no Médio Oriente. A queda do fascismo na Turquia é o início de um Médio Oriente mais democrático. Porque a democratização do Médio Oriente significa que estamos um passo mais perto da libertação da humanidade. O governo do AKP-MHP, que só pode manter-se de pé com o apoio da NATO, tem de ser combatido com todas as forças e recursos. Lutar em conjunto contra o fascismo do Estado turco significa defender a revolução no Curdistão, defender o socialismo, aproximarmo-nos das nossas utopias. Chegou a hora de dar o golpe final ao enfraquecido fascismo de Estado. Construamos comunas, academias e cooperativas em defesa da revolução. Levemos a revolução aos nossos países. Vivamos o fogo e a resistência do Curdistão nos nossos lugares. Libertemos as ideias de Reber APO da ilha de tortura de Imrali e espalhemolas pelo mundo. Libertemos fisicamente Reber APO em conjunto!

*Mais uma vez queremos renovar a nossa palavra pela luta por um mundo melhor. Nós vamo-nos tornar a vingança daqueles e daquelas que caíram e ser o amor daqueles que o procuram. Em conjunto, vamos tornar possível um mundo mais belo internacionalmente. Neste sentido, vivamos as nossas utopias, defendamos a revolução!*





## As últimas palavras da Şehîd Sara

| Jovens Mulheres Internacionalistas

**S**akine Cansiz (nome de código: Sara), é uma das figuras mais importantes do movimento das mulheres curdas e da luta de libertação curda em geral. Com a sua vida especial e com o impacto que tem em milhões de pessoas, ela junta-se à fileira histórica das mulheres revolucionárias.

Şehîd Sara foi uma das primeiras mulheres no PKK e membro fundador do partido. Em particular, os seus 13 anos de resistência na prisão turca de Amed e o papel pioneiro que lá desempenhou fez dela uma das personalidades mais fortes que a história da libertação das mulheres alguma vez viu.

Ao longo do seu tempo no partido, ela demonstrou a força necessária para uma revolucionária na luta contra o Estado e o patriarcado, mesmo face aos seus próprios camaradas. Nas alturas mais difíceis, ela defendeu sempre a linha apoiada. A sua ligação profunda com o partido e com Reber APO (Abdullah Ocaln) é a razão pela qual ela conseguiu sempre aguentar as piores torturas, as piores traições.

Por causa da sua força e carisma, ela foi desde cedo alvo do inimigo, do Estado turco, e foi sempre como um espinho para ele. A 9 de janeiro de 2013, ela e duas outras companheiras foram assassinadas em Paris pelos serviços secretos turcos. Até hoje, o assassinato das três companheiras e a morte súbita do assassino numa prisão francesa ainda não foram resolvidos pelo Estado francês. Portanto, todos os anos milhares de pessoas saem às ruas de Paris para recordar as lutadoras pela liberdade e exigir que o assassinio seja resolvido.

Queremos recordar com grande admiração e respeito uma camarada que vive nos nossos corações, na nossa luta e nos nossos pensamentos. Através dos seus diários fomos capazes de nos aproximarmos dela e aprender com uma grande e fervorosa revolucionária. Pensámos muito em como colocar as palavras da Heval Sara e chegámos à conclusão de que a sua própria caligrafia, as suas próprias palavras, são aquilo que a descreve melhor.

Com grande honestidade e modéstia, ela descreve nos seus livros (em três volumes) as lutas na sua vida que fizeram dela quem ela é hoje.

O seguinte excerto foram as últimas palavras da Şehîd Sara no terceiro volume da sua autobiografia, na qual ela revisita o seu processo de escrita.

“Cheguei ao fim de um escrito que foi criado por várias razões, ao longo de um longo período de tempo e sob condições muito diferentes. Sim, se a vida é uma luta, isto significa que esta luta continua. O líder falou dos meus livros “de luta” e disse que eu agora devo escrever um “romance de vitória”. Talvez não encontre a oportunidade para o fazer, mas estou determinada a ser vitoriosa nas minhas lutas. Olhando novamente para os desastres que a minha luta causou até agora, estou dolorosamente consciente desta necessidade.

Nos meus livros dei uma visão muito geral das minhas lutas. Tentei descrever como eu vivi as minhas lutas, o que eu fiz, o que eu perdi e aquilo que eu queria alcançar. Através da escrita, voltei ao passado. Quis relatar tudo tal como aconteceu na altura.

O primeiro livro é sobre a minha busca e as minhas lutas incessantes. Fui contra a família, contra o sistema, contra o ambiente social e contra tudo o que achava estar ultrapassado ou errado. Pelo caminho, eu no quis saber para onde estar a ir ou com o quê.

Faltava-me o equipamento necessário e não fui capaz de dar bases estáveis às minhas controvérsias. Fui uma lutadora impaciente, inexperiente, demasiado apressada, emocional e rebelde. O meu caminho não seguiu cálculos e choquei contra obstáculos. Mas não parei.

No segundo livro, continuo a minha luta contra o inimigo em insurreição. De modo a não capitular perante o inimigo, contra-ataquei cegamente. Contudo, não estava organizada o suficiente e faltava-me a consciência de quando atacar, com qual objetivo e com que armas. Não tinha a visão para distinguir entre gastos de energia sem sentido e momentos em que a organização pode ser expandida. No último livro, descrevi como a minha maneira imatura de lutar me pôs em conflito com o partido, embora o PKK fosse o sentido da minha vida. Estava em conflito com toda a gente.

Um estado de constante rebelião. Avaliei mas a realidade, deixei-me levar pelos reflexos a que estava habituada há muitos anos e julguei apenas de acordo com os meus próprios valores. Isto foi tão difícil para mim como foi para outros.

Tenho de acrescentar que não abordei todos os incidentes e ataques do inimigo nos meus livros. Isso é material para romances, literatura ou arte e deve ser escrito por mestres da arte de escrever.

Portanto, não digo que fiz justiça aos eventos com os meus textos. Estava constantemente preocupada em fazer algo mal por omitir algo para o qual não conseguia encontrar uma expressão. Frequentemente desejei que outra pessoa escrevesse no meu lugar. Em particular, escrever sobre Diyarbakır não é fácil. Contudo, acredito que é importante registar os eventos por escrito. É claro, neste ponto é incontornável sentir alguma ansiedade. Ao escrever, é importante sentir o espírito de Diyarbakır no seu cerne.

Sim, a realidade de todas nós é moldada pelos inúmeros e complexos incidentes. Tudo o que me aconteceu, a todos nós, representa uma versão da totalidade na nossa realidade. A realidade Apocu, com todas estas versões juntas e ao mesmo tempo na luta dentro delas, trouxe um grande desenvolvimento. Isto dá significado à especificidade da luta Apocu. Nenhuma outra luta contém tanta riqueza. Em nenhuma outra revolução ocorreram tantas revoluções longas, mas bem sucedidas, dentro dos indivíduos. Esta é precisamente a garantia da vitória. É nesta luta que o zelo, o compromisso e a paciência para humanizar o socialismo e concretizá-lo em cada célula se cristalizam.

Por esta razão, a nossa luta é maravilhosa, atrativa e unificadora. Estou apaixonada por ela...”





# Socialismo Democrático

| Rotinda Canan

O processo de reflexão dos seres humanos em torno da sua própria existência começou com a sua socialização. A realidade desta luta ainda está presente, numa época na qual se desenvolveu a hegemonia, o Estado, as hierarquias e o sexismo.

A procura por uma vida comunal, democrática e livre tornou-se a companheira eterna da humanidade e, sobretudo, a realidade dos oprimidos. Pelo caminho, lutas foram travadas e sacrifícios foram feitos.

O socialismo é, portanto, um período importante que tem o seu lugar na nossa história. Nós encontramos esta procura em lugares diferentes e em momentos diferentes. Na Revolução francesa, na Comuna de Paris e em muitas outras revoluções emergentes. Trata-se de algo vívido e generalizado que se tem vindo a manifestar repetidas vezes em todas as áreas da história e, em especial, na realidade dos povos.

Embora o socialismo tenha sido discutido em todos os períodos, após 70 anos de socialismo real o foco está na sua queda. Sem dúvida, esta tentativa não é o verdadeiro socialismo, mas foi uma etapa importante.

Taticamente e politicamente, não é correto nem demonizar à partida o impacto do leninismo, nem aceitá-lo sem questionar.

O sistema capitalista-imperialista, com o fim de duas guerras mundiais sangrentas, entrou nas suas mais fortes contradições. No período em que o mundo estava dividido por um sistema repugnante, a classe trabalhadora vivia em condições duras de exploração e os povos e os trabalhadores entraram em resistência. Nesta fase, o leninismo tornou-se o nome de um grande movimento pela liberdade.

Embora o sistema existente tente, por todos os meios, falar mal das resistências do século XX, o século XX é, no entanto, uma fase significativa. Nesta fase, a ideia de

mudar o mundo com uma revolução, construindo a revolução socialista, foi o tópico que o povo oprimido discutiu.

A primeira etapa do leninismo foi superar o colonialismo e a opressão grosseira e criar um futuro melhor em nome dos trabalhadores e do povo.

Neste sentido, ainda que haja coisas que foram alcançadas, os seus erros e insuficiências, que são incompatíveis com o socialismo, garantiram, sem dúvida, que esta tentativa chegasse tragicamente ao fim.

Se nos perguntarmos o que resultou do socialismo, não é errado concluir o seguinte.

O que foi decifrado foi o paradigma do socialismo de Estado.

O facto de que tal importância foi atribuída ao Estado pronunciou-se contra o socialismo. O Estado socialista e a ditadura proletária eram definições problemáticas. Não foram projetados para criar uma sociedade e um indivíduo socialista. O socialismo foi o termo que mais radicalmente criticou a nacionalização, mais fortemente questionou a sua necessidade, e defendeu-o com a tese de que, com o tempo, uma dissolução aconteceria. Mas as experiências do socialismo real mostraram que estes princípios não foram cumpridos.

O movimento de libertação curdo e Rebêrtû abordaram o socialismo real, que emergiu através de tentativas que expressaram insuficiências, com dúvidas e tentaram evitar esses erros.

A liderança do PKK, com profundas análises da situação atual da humanidade, com uma discussão profunda do paradigma do socialismo de Estado, com a renovação histórica da perspetiva ideológica, política e filosófica, criou a renovação do programa do partido socialista e das suas estratégias e, com o paradigma democrático, ecológico e da libertação das mulheres, criou a teoria do parâmetro

do socialismo democrático.

Os problemas que o sistema capitalista-imperialista acumula sobre as cabeças do povo ultrapassam todos os problemas das épocas anteriores. Estamos a falar de um patamar em que a política liberal submerge a economia, o ambiente e a natureza num dilema inviável. A população em crescimento, que já não cabe no nosso planeta, as crises morais das pessoas, as crises sociais que causam guerras, que são completamente a expressão da incapacidade das forças hegemónicas, continuam a ser graves ameaças à sociedade. A única ideologia que nutre valores morais e ideais contra o desespero e a falta de perspetivas do capitalismo é o socialismo.

Vimos que o socialismo, que está relacionado com o futuro da humanidade, tem o poder de resolver os problemas políticos, ideológicos, sociológicos e económicos do povo. A partir da nossa realidade, também vimos como o socialismo se está a formar de novo. O capitalismo não tem nada a oferecer às sociedades, à humanidade e às sociedades oprimidas, a não ser dor, colonialismo e lágrimas.

A razão dos ataques é o medo do sistema colonialista capitalista da nossa ideologia, que é uma alternativa com a crença de que um novo mundo é possível.

Atualmente, o PKK provou que é um movimento humanista. Este facto foi provado pelo seu desenvolvimento através da sua ligação aos ideais socialistas e aos valores democráticos.

Após 70 anos de socialismo real, Reberti criticou a sua incapacidade de desenvolver o socialismo e desenvolveu os seus próprios pensamentos e explicações alternativas. O facto de o nosso movimento ser a vanguarda do socialismo e da democracia popular no Médio Oriente fe dele

um alvo, uma esperança e um horizonte para os povos regionais, para as mulheres oprimidas e para a humanidade, uma verdadeira alternativa. Desta forma, o movimento trouxe mais dificuldades para o sistema que desmoralizava o povo.

O nosso movimento, como portador de esperança, está cada vez mais forte. Porque onde a esperança e o horizonte ficam aquém, há derrotas. Há dissolução, uma incorporação no sistema. Em condições muito difíceis, manter os objetivos, a moral e a esperança vivas é a base do sucesso. O sucesso acontece onde existe vanguarda revolucionária e sociedade organizada. O que mantém viva a sociedade e o movimento revolucionário é a luta constante e profunda. O que nos distingue é que mantemos a moral ideológica elevada assim como a nossa profundidade e riqueza que faz com que os ataques não dêem em nada. Elevar a moral da vanguarda revolucionária, levando a esperança da sociedade ao mais alto nível, a teoria da sociedade organizada e a consciência de auto-defesa e organização é a base do sucesso. Contra a violência imprevisível do sistema, trazer à vida a estratégia de autodefesa é o princípio e o fim.

A diferença na nosso execução do socialismo democrático é que, após a queda e a erosão do socialismo real, universalmente falando, nós não repetimos os seus erros, substituímo-los com respostas pensadas cuidadosamente. Não cair no dogmatismo, criar aplicações criativas e manter viva a resistência em todas as áreas, nas montanhas, nas cidades e nas prisões, torna-nos o movimento revolucionário mais observado no nosso tempo. A opressão do Estado fascista turco durante mais de 40 anos, com o apoio internacional dos Estados retrógrados e de forças paramilitares jihadistas que ganharam vida nos últimos





10 anos, são a expressão do medo face ao socialismo democrático que está a florescer, tendo no papel de vanguarda o nosso movimento.

Se, apesar de todos estes ataques, foram alcançados grandes êxitos, a verdadeira razão está escondida na esperança, na meta, na moral e na luta contínua.

E, claro, a coisa mais importante que nos define é a nossa luta interna, a mudança de personalidade, esta luta contínua.

Uma das componentes mais importantes do socialismo é superar da cabeça aos pés o tipo de humano criado pela modernidade capitalista, purgar as influências da classe dominante, as ideologias do Estado, o individualismo, o familismo e o sexismo social.

Reforçar a burocracia, o elitismo, o dogmatismo, o liberalismo, o nacionalismo e a masculinidade clássica consumirão a revolução e o momento revolucionário e opor-se-ão aos objectivos.

Hoje estamos a testemunhar como na nossa revolução em Rojava as forças sociais com a sua própria força e cultura, com a força de vontade e consciência, desenvolvem e executam as suas próprias soluções.

Grande força e esforço são investidos e postos na luta pela construção da socialidade através do socialismo democrático, que é coberto nos Conselhos Regionais com o corpo fundamental de comunidades alternativas, desde as cidades até as vilas, conselhos distritais e comunais, pessoas, crianças, idosos, direitos das mulheres, organização das mulheres, direitos dos animais e organização ecológica em todas as áreas sociais.

Mesmo contra a arma mais forte e venenosa do Estado-nação, o nacionalismo, diferentes identidades sociais, religiões e culturas reúnem-se em torno da tese da nação democrática. Através da protecção da pluralidade e da au-

tonomia, cria-se a procura da liberdade na unidade.

Os partidos baseados na política democrática têm como objetivo garantir a coexistência de todas as vozes, cores e identidades em harmonia. Ser uma sociedade democrática significa dar vida às execuções democráticas nos congressos populares.

A realidade de Rojava mostra que é possível viver sem o Estado, é possível uma sociedade organizada criar a sua própria política, produzir as suas próprias soluções para os problemas da população, de nutrição, de saúde, educação, segurança e muitas outras questões vitais. As conquistas foram alcançadas através da luta radical, contra todos os ataques do sistema capitalista-imperialista e dos 5000 anos de hegemonia, da ideologia estatal, classista e sexista e foram criadas com grandes sacrifícios.

A cor da luta, a sua qualidade, o seu carácter e a radicalismo trazem dificuldades ao sistema.

A construção da alternativa, do socialismo democrático que está mais próximo do que nunca, à solução para as sociedades e para a humanidade, aos trabalhadores e oprimidos, a todas as sociedades, queremos dar de novo a nossa palavra.

# Atakan Mahir

## *Revolucionário, Filósofo, Guerilheiro do século XXI*

| Nuda Dersim



O PKK e a sua luta de mais de 43 anos criou muitos valores revolucionários, comandantes heróicos e belas personalidades. Uma delas foi o Şehîd Atakan Mahir.

Se perguntarmos a algum camarada do movimento curdo sobre Şehîd Atakan Mahir, uma das primeiras coisas que irão referir é a sua linha filosófica; a leitura dos seus textos convence rapidamente. Em particular enquanto mulheres, ler e compreender os seus pensamentos sobre o amor é muito inspirador. Os seus pensamentos profundos sobre esses temas fizeram dele uma pessoa muito reflexiva e humilde que chegou ao coração de toda a gente. Independente de o ter conhecido pessoalmente ou não, é fácil ser influenciada pela sua personalidade madura.

Şehîd Atakan, nome de código de Ibrahim Koban, nasceu numa aldeia em Elbistan (Maraş), no norte do Curdistão. Como a sua família e as pessoas da sua aldeia eram todas curdas alevitas, ele cresceu com a cultura e filosofia do alevismo, que constituiu parte integrante da sua personalidade.

A filosofia do Alevismo é a de alcançar a verdade da vida. É uma religião da natureza que acredita na profunda interligação do humano, da sociedade e do universo. É a filosofia da "vida boa", de se tornar uma pessoa melhor através do caminho para a verdade. Os seus princípios consistem em fazer o bem, falar bem e viver de acordo com a verdade. A igualdade entre mulheres e homens também desempenha um papel importante no alevismo. Além disso, é importante para o povo alevi o levantar-se em defesa da justiça.

A família de Şehîd Atakan era uma família pobre que, como a maioria dos aldeões desta região, se mudou mais tarde para as metrópoles da Turquia devido a políticas de assimilação e deslocação por parte do Estado turco. Quando Şehîd Atakan tinha cinco anos, a sua família mudou-se para Izmir, onde foi para a escola e mais tarde para a universidade.

As suas contradições com a sociedade e com o sistema existente começaram logo no início da sua infância. A experiência das contradições entre crianças turcas e curdas, crianças de diferentes classes económicas e crianças com crenças diferentes fez com que percebesse rapidamente que havia, e ainda há, um problema sistemático de injustiça.

Devido a isto, Şehîd Atakan, durante a sua juventude, leu e pesquisou muito sobre alevismo, psicologia, a história de diferentes revoluções e marxismo. A morte do revolucionário turco Deniz Gezmiş e a seguinte pacificação da sociedade tiveram uma grande influência em Ş. Atakan e aprofundou ainda mais as suas contradições.

Durante o período na universidade, Şehîd Atakan conheceu o Movimento Curdo pela Liberdade. Como a sua família não era *welatparez* (patriótica), ele não conhecia o PKK antes desta altura. Como estudante, a sua busca da verdade continuou nos seus trabalhos com o movimento da juventude curda. No movimento curdo, encontrou finalmente respostas às suas perguntas, compreendeu melhor os problemas da modernidade capitalista e viu a necessidade de revolução sob o paradigma de Abdullah Öcalan. Com

base nisso, ele próprio tomou a decisão de se tornar parte ativa da solução e juntou-se ao partido em 1993, na região de Dersim. Foi nesta época que afirmou “as montanhas dão força e fé”. Para ele, vir para as montanhas era uma consequência natural da sua busca e da sua personalidade.

As montanhas em que se juntou ao PKK, as montanhas de Dersim, foram durante muito tempo a casa de Şehîd Atakan. Durante anos foi guerrilheiro nesta região, tendo-se mais tarde tornado comandante também ali. Com o seu coração quente e caráter aberto, tornou-se uma figura influente para o povo e para a guerrilha de Dersim. Com o seu modo de vida e a sua luta constante, Şehîd Atakan foi capaz de criar esperança e fortalecer a fé do povo na revolução. Através da sua personalidade divulgou a essência do PKK entre os seus camaradas.

Ser guerrilheiro no século XXI requer muito mais do que profissionalismo militar. Uma vez que esta guerra é uma guerra de ideologias, requer antes de mais uma compreensão profunda do paradigma pelo qual se vive e se luta. Requer sobretudo acreditar e crer. Viver nas montanhas e viver a vida de guerrilha tem um lado muito metafísico e filosófico. Isto é o que podemos aprender com Şehîd Atakan. Ele sempre se esforçou por compreender a vida e a verdade em profundidade.

Na qualidade de comandante na guerrilha, Şehîd Atakan rejeitou a ideia clássica de apenas dar ordens. Em vez disso, ele desenvolveu uma forte atitude contra abordagens erradas dentro do partido. Como comandante na luta armada, colocou o foco na partilha de conhecimentos e na criatividade. A sua forma simples de viver e a sua humildade mostraram ao povo como deve ser um bom comandante. Além disso, é frequentemente descrito como uma pessoa que se esforçou muito. Para onde quer que fosse Şehîd Atakan deixou a sua marca, algo estava a ser construído, algo novo estava a ser criado.

Foi capaz de compreender imediatamente a necessidade de cada lugar e pessoa. Tinha uma excelente sensibilidade para as pessoas e compreendia muito bem como motivá-las e ajudá-las a tornarem-se no seu melhor “eu”. Ele próprio tinha sempre uma grande motivação; nunca se queixava ou estava de mau humor. No PKK compreende-se que estar sem motivação, ter pensamentos negativos ou espalhar energia negativa é algo pouco ético. Não temos razões para estarmos desmotivados. Todo o esforço e sangue que tem sido dado por tantos amigos e todas as conquistas que daí advêm são uma fonte de inspiração. Reconhecer isto e continuar o caminho dos que se sacrificaram significa participar nas obras revolucionárias com a maior motivação para realizar os sonhos dos mártires.

Em 1996 Atakan foi ver educação pessoalmente de Reber APO. Durante este período, que foi um período formativo para Atakan, amigos recordam que era visível que tinha uma seriedade particular e uma profundidade que se manifestava na forma como abordava as responsabilidades. Sentir-se naturalmente responsável por tudo o que acontece ao seu redor é uma característica importante de um revolucionário.

Também impressionante é a facilidade com que ele compreendeu Reber APO. Seguiu muito cuidadosamente os discursos, pensamentos e métodos de Reber APO, e Atakan construiu uma forte ligação com o líder, tanto em pensamento como emocionalmente. É por isso que Ş. Atakan foi um dos camaradas que mais compreendeu e aprofundou o novo paradigma.

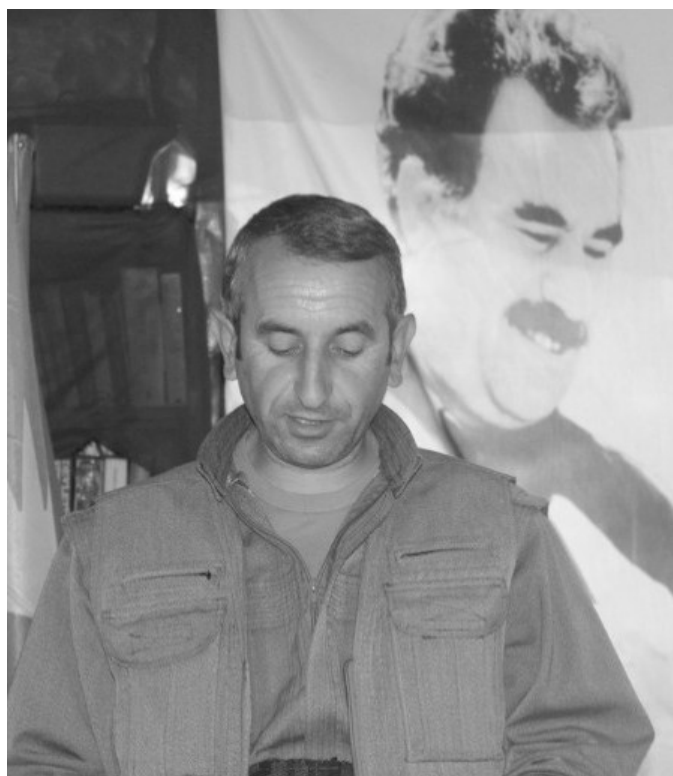
Especialmente no tema da libertação das mulheres, assumiu um papel pioneiro entre os amigos homens. Numa educação em 2016, Ş. Atakan fez um longo discurso sobre Jineolojî e os problemas entre camaradas mulheres e homens. Ele queria verdadeiramente compreender a profundidade dos conflitos. Devido a isso, na educação era o que mais pesquisava, lia e discutia.

Entre os camaradas, foi chamado de filósofo. A sua participação na educação em termos de conhecimento e espírito foi descrita como exemplar. Apesar da sua força intelectual, não aceitou uma vida sem esforço. Conseguiu combinar teoria e prática, algo para o qual os revolucionários na história têm lutado muito. Juntar os pensamentos, as palavras e as ações é uma grande característica de um revolucionário.

Por volta do ano 2003 houve o caos criado por um grupo de traidores dentro do PKK. Com as suas provocações, eles tentaram neutralizar o partido. Foi um período muito difícil que testou as convicções de cada camarada. A força ou fraqueza na personalidade de cada camarada estava a vir à luz nesta altura. Mas Ş. Atakan manteve-se muito calmo durante este período difícil. Deixou a sua atitude clara, não comprometendo nada. Por esta razão foi mais tarde eleito como membro do conselho da KCK (União das Comunidades do Curdistão).

Ş. Atakan foi um revolucionário exemplar dos nossos tempos. Ao vencer-se a si próprio e ao tornar-se um espírito de união, não só influenciou as pessoas à sua volta, como criou e construiu algo. Nunca trabalhou para si próprio, mas para a revolução. A sua personalidade é o resultado do esforço de Reber APO e um indicador da força do partido.

A 11 de agosto de 2018 o camarada tornou-se mártir em Dersim devido aos bombardeamentos do Estado turco. Se queremos viver à altura dos nossos Şehîds e construir uma vida livre, então o primeiro e mais importante passo é desenvolver a nossa personalidade, como Şehîd Atakan fez. Uma personalidade socialista é a maior ameaça ao fascismo, ao capitalismo e ao patriarcado.







# A busca pela liberdade

| S. Siyar Gabar

Fragmento de uma entrevista com Schid Siyar Gabar, uma companheira alemã, explicando os seus motivos de se juntar ao movimento de libertação curdo.

**O** meu nome é Siyar Gabar. Eu nasci em 10 de outubro de 1994 em Hamburgo, Alemanha. Meus familiares são democratas, alemães. Antes, eu integrava a esquerda alemã. Eu estava sempre em uma busca, procurando por movimentos socialistas, onde uma revolução aconteceria e, por isso, através da internet, eu tomei conhecimento da revolução de Rojava. Eu fui muito influenciada por isso e, ao mesmo tempo, conheci o PKK. No começo, quando eu tinha 13 ou 14 anos, eu sempre possuí uma certa contradição na minha cabeça. Eu me perguntava: como irei viver? Eu olhava ao meu redor e via que as pessoas estavam vivendo uma vida vazia e sem significado. Elas estavam vivendo como robôs, apenas colocando um propósito na vida e, em seguida, o vendendo. Eu dizia para mim mesma: eu não posso aceitar uma vida como essa. Eu dizia: eu não posso aceitar a injustiça neste mundo, eu tenho que lutar de alguma forma. Portanto, eu me juntei aos esquerdistas alemães. Porém, após algum tempo, eu entendi que os esquerdistas alemães estão vivendo em oportunismo. Em teoria, eles são socialistas— e até podemos dizer que alguns deles estão fazendo alguma coisa— mas não de uma maneira que eles poderiam fazer uma revolução realmente acontecer ou até mesmo dar uma resposta ao capitalismo, à injustiça, à opressão. Não é algo que está nesse nível. Eu estava nessa busca de como eu poderia conciliar a teoria e a minha vida. Se eu digo isso, quero lutar pelo socialismo, por um mundo diferente, pela

liberdade... Eu estava sempre na busca de como poderia alcançar isso. Nesta busca, conheci o PKK. Lá, o que mais me influenciou foi essa união entre a teoria e a prática. Se você quer construir uma vida livre, uma vida de qualidade, se você quer construir um sistema alternativo, primeiramente você deve praticar essas coisas na sua própria vida. Você deve incorporar liberdade e igualdade à sua própria personalidade. Isso é o que sempre me influenciou, o sacrifício nisso. Todos os militantes do PKK e todos os guerrilheiros estão sacrificando as suas próprias vidas, dando tudo o que têm pela liberdade. Pelas pessoas, eles sacrificam suas próprias vidas. Como eu disse, isso sempre me impactou. Como pode essas pessoas serem tão corajosas? O que mais me atraiu, e eu também havia começado a ler os livros de Serok (Abdullah Öcalan), foi o tanto de contradições e questionamentos aos quais eu não poderia dar uma resposta a mim mesma. Mas, agora tenho a resposta. A resposta me foi dada. Desta forma, isso me influenciou muito. Quanto mais eu conhecia a ideologia, mais eu pude analisar a minha vida de antes, a minha família, a sociedade na qual eu cresci. Quanto mais eu lia, mais eu entendia. É mais ou menos como se nascesse de novo ou como se os olhos se abrissem de novo, porque dentro do sistema eu não podia entender uma variedade de coisas, como por exemplo: como o sistema estatal está funcionando; sobre qual base o sistema está nos escravizando, no que se refere ao relacionamento entre homens e mulheres; sobre qual



base ele (o estado) está escravizando mulheres, homens e a consciência humana. Então, antes eu estava procurando bastante por essas coisas. Porém, até eu me juntar (ao movimento de libertação curdo) eu não poderia dar uma resposta. Com as dificuldades encaradas na vida nas montanhas, eu sinto como se eu me aproximasse do significado de liberdade. Antes, enquanto no sistema, a minha opinião sobre o que é a liberdade era como aquela visão na qual o liberalismo está desenvolvendo nos seres humanos— isto é, uma abordagem individual para a liberdade. Esta abordagem diz o quanto você pode apenas viver o prazer, viver uma vida materialmente fácil, quanto valor material você pode acumular. Desta forma, o liberalismo explica a liberdade. Mas, quando eu vim para as montanhas, vi que todas estas coisas são sem valor, elas são todas vazias. Na vida nessas montanhas— podemos dizer uma vida sem oportunidades, pelas dificuldades— pode-se sentir liberdade.

É verdade que o PKK luta pela liberdade do povo curdo. Mas, a liberdade do povo curdo é a liberdade de todas as pessoas do mundo. É preciso dizer isto. Todos os grupos do PKK sabem disso e agem e lutam de acordo com isso. Quando nós estamos lutando pelo povo curdo hoje, quando estamos lutando pela sua liberdade no dia de hoje, a liberdade do povo curdo abre a porta para a liberdade mundial. Os amigos são primeiramente e, acima de tudo, amigos. A qual nacionalidade nós pertencemos, ou de onde viemos não é tão importante. Há várias pessoas diferentes entre nós, de todas as classes sociais, de todos os países, todas as profissões, com diversos níveis educacionais— muitas pessoas diferentes. Mas, ao mesmo tempo, somos todos um; a nossa camaradagem nos conecta. Nós somos revolucionários, somos amigos. Não há grandes diferenças entre nós. Somos amigos, somos camaradas.

O que mais me chamou atenção era a vida dentro do PKK. No sistema, todo mundo está mentindo. Todo mundo está mentindo e trabalhando pelos seus próprios interesses. Quando eu me juntei (ao partido), eu ainda tinha dúvidas. Eu pensei: ok, pode ser que o PKK, na teoria, está lutando pela liberdade, mas acho que não é assim na prática. Eu pensei: todos estão trabalhando pelos seus próprios interesses, por que eles seriam diferentes? Mas, depois que me juntei e vi a vida no PKK, após viver a vida livre nas montanhas, trabalhando, lutando, apenas então eu senti a verdade— compreendi a verdade de que a base do PKK é a liberdade, de que a vida no PKK é a liberdade.

Depois que me juntei a eles, grandes mudanças ocorreram. Eu sei que eu era muito frágil na sociedade. Eu também era moralmente frágil, eu era uma pessoa insensível. Eu sabia que a minha consciência estava me perguntando todo dia, todo dia eu estava pensando: como estou vivendo? Eu pensava comigo mesma, há uma crise no mundo. Bilhões de pessoas não tem comida e nem água. Essas pessoas estão morrendo de fome. Milhões de pessoas estão sendo assassinadas. Pessoas são oprimidas. Nosso meio ambiente está sendo destruído pelos interesses de poucos. Todos os dias, eu via isso e pensava: como você pode ir vivendo dessa maneira, como você pode aceitar isso? Eu sabia que não podia aceitar isso, mas eu realmente não enxergava a minha força. Eu pensava que era fraca, que não poderia lutar contra o estado e que não poderia lutar. Eu pensava que eu não podia. Todavia, depois de me juntar ao PKK e ir vivendo a vida livre nas montanhas do Curdistão, eu encontrei a força dentro de mim. Eu sei que antes eu tinha medo da morte. Eu pensava: e se eu morrer? Entretanto, com a força que encontrei no PKK, eu sei que eu irei lutar com toda a minha energia até eu morrer ou cair como uma mártir. Lutarei com toda a minha força pela revolução. Então, eu tenho visto esta força em mim mesma. Agora eu sei que nas colinas, contra milhares de soldados com tanques, armas e aviões de combate, irei resistir. Até a última gota de sangue, resistirei. Esta é a força que o PKK construiu em mim, a força que a ideologia do líder Apo (Abdullah Öcalan) me deu. Isso não chega a ser estranho. Eu encontrei a minha própria natureza novamente. Portanto, eu me tornei um ser humano que desenvolve a sua própria potência, que tem vontade e consciência. Pode-se dizer que eu redescobri a minha natureza humana.

Na Alemanha, eu não sabia curdo. Eu aprendi a língua quando vim para as montanhas, quando eu tive a minha educação básica— e curdo é uma língua verdadeiramente linda. Eu tinha um mini dicionário. Quando meus amigos estavam falando algo, eu anotava o que diziam e mais tarde eu chejava. Consequentemente, aprendi curdo por conta própria. Se você realmente quer algo, você pode aprender qualquer coisa. Não há fronteiras.

Meu chamado para toda a juventude do mundo é para que ela finalmente tome partido, para que se juntem à revolução. Diversas pessoas, jovens na Europa, já estão cientes de que não podem viver no sistema, mas elas não estão procurando enxergar uma alternativa. O sistema está mentindo. Eles dizem que a revolução acabou, que o socialismo falhou e que isso foi comprovado. É tudo uma mentira, isso não é verdade. E a prova de que isso é uma mentira é a revolução de Rojava, o movimento PKK e a ideologia de Serokati (Abdullah Öcalan). Eu chamo toda a juventude para se juntar às fileiras da guerrilha, para pegar em armas e lutar pela liberdade, pela igualdade e pelo socialismo!

# Status quo

| Cihan Kendal

Foi uma cena que não poderia ter sido tão cliché. Uma daquelas noites de outono tão típicas para esta metrópole, fria e ventosa, num dos bairros mais sujos da cidade. Ainda me lembro da chuva ocasional, de uma fina chuva, e do beco escuro e degradado em que andávamos para cima e para baixo. Nervosamente fumei um cigarro atrás de outro, enquanto deixava cair o monólogo do estranho pingar sobre mim, como a chuva. Estava pronto para ir, tinha-me despedido de todos os que eram importantes para mim. Eu queria ir para as montanhas, tínhamos discutido isso, e tudo parecia estar claro - até que o desconhecido estendeu a mão e esta palavra surgiu: junta-te.

Não fazia ideia do que era juntar-se, o que realmente significava e para onde me levaria. Os pormenores eram incertos, mas o essencial era claro, inegável. Vivía num mundo que era necessário mudar radicalmente, e o Curdistão era o melhor local para realmente fazer isso. Aqui, no coração da besta, as coisas não estavam a melhorar, estavam a piorar, e não tínhamos uma perspetiva realista de mudar isso. Estávamos encurralados no status quo.

Já há muito tempo que tinha um problema com o status quo. O status quo tem sido sempre um péssimo compromisso em todo o lado. Um compromisso imposto, uma relação forçada, e eu esforcei-me por me adaptar, para me adequar. Quer fosse na família, na escola ou noutras instituições, nunca foi fácil para mim. Sempre insolente, sempre atrevido, sempre

a querer ter a última palavra - isso fui eu. Foi só muito mais tarde que me apercebi que por detrás de muitos destes conflitos iniciais estava mais do que apenas a tendência para contradizer. Em retrospectiva, mesmo nessa altura era sobre as questões fundamentais da vida social, especialmente sobre a justiça. Enquanto crianças tínhamos uma relação natural uns com os outros e com o mundo, estávamos mais próximos da sua verdade e dos seus valores universais. Sem a consciência das relações cruéis de poder e das normas e regras que elas impõem, sem o medo das consequências dos nossos atos, éramos honestos, inocentes e livres. Foi a passagem pelas instituições deste sistema que em breve nos deveria moldar e mudar e, claro, também a mim, para sempre. A dimensão destas mudanças amplamente negativas só se tornou clara para mim muito mais tarde, nas montanhas do Curdistão.

O processo de perceber isto começou alguns meses antes num beco escuro, quando prometi a um estranho dedicar a minha vida à luta revolucionária. Por mais honroso que isto possa parecer, foi uma crise profunda em que eu estava antes e a visão não embelezada da minha própria realidade que me levou a essa decisão. A emergência desta crise está inextricavelmente ligada à procura de alternativas. As pequenas revoltas da minha infância transformaram-se, ao longo dos anos, em rebeliões de maior alcance. Dos sinais individuais de protesto cresceu a procura de amigos e pessoas com as mesmas ideias, as discussões e as experiências partilhadas tornaram-se os primeiros passos na política.





As contradições inicialmente moderadas com o sistema intensificaram-se rapidamente, tanto em teoria como na prática. A primeira vez em algemas, a primeira pedra atirada, as primeiras consequências tangíveis - todas estas experiências apenas solidificaram a percepção de que o status quo não era simplesmente uma opção. Ao mesmo tempo, a procura da forma correta de ultrapassar as condições dominantes no meu meio atingiu rapidamente os seus limites. A primeira tinha começado a aceitar as possibilidades existentes e limitadas de protesto para uma trégua com o outro lado. Mas eu queria mais do que apenas protestar, mais do que apenas denunciar a injustiça. Eu queria mudá-las, aboli-las.

Neste espírito, fui atraído para a metrópole, para um dos alegados centros de resistência. Rapidamente entrei em contacto com as pessoas certas, tomei parte em ações e logo me organizei. Éramos jovens, dispostos a assumir riscos e a partilhar experiências comuns nas ruas. Radicalizámo-nos em palavras e práticas, alargámos os nossos campos de ação e os horizontes. Fizemos a coisa certa e divertimo-nos a fazê-lo, vivemos as nossas vidas como queríamos vivê-las, mas as circunstâncias permaneceram as mesmas. Mais do que isso, à medida que o tempo foi passando, a realidade do sistema lenta mas inexoravelmente alcançou-nos. A nossa luta nunca foi mais do que uma pequena parte da nossa vida quotidiana, era um passatempo. Os compromissos cresceram e com cada passo dentro das instituições também aumentou a vontade de compromisso. Especialmente as primeiras experiências internacionais fizeram-nos perceber que tínhamos de encontrar soluções e respostas mais sérias para as questões urgentes daquela época - precisávamos de uma linha, de um plano, de uma organização. Essa era a convicção de pelo menos alguns, sem muita experiência e conhecimento, mas com muita motivação. Foi precisamente nessa altura que conhecemos o Movimento de Libertação Curdo. Ficámos impressionados, ficámos fascinados com o radicalismo e a eficiência deste movimento. Mas, mais do que isso, pro-

curávamos perspetivas - esperávamos encontrar respostas às nossas perguntas, soluções para os nossos problemas. Abordámos em conformidade, com boas intenções mas um entendimento superficial, tentámos implementar na nossa própria prática o que alegadamente tínhamos aprendido com o movimento. Não demorou muito até que os nossos próprios padrões nos atingissem.

Enquanto nos concentrávamos na nossa luta política principalmente no nosso resultado, as contradições internas começaram a intensificar-se à medida que nos aprofundávamos na teoria, organização e prática. A falta de valores e crenças fundamentadas comuns tornou-se cada vez mais óbvia, mas a nossa capacidade de fornecer as respostas corretas não existia. Não que não conseguíssemos encontrar as palavras certas ou analisar os problemas - o problema era a nossa própria vida, como vivíamos e quem éramos. Quanto melhor compreendíamos o sistema, mais claro se tornava o nosso próprio envolvimento - já não éramos crianças, já não éramos honestos, livres e inocentes. Embora tivéssemos escrito os slogans da luta nas nossas bandeiras, tatuados na nossa pele e gritados nas ruas, tivemos de reconhecer cedo quão profundamente o suposto inimigo vivia nas nossas cabeças e corações. A nossa existência era profundamente esquizofrénica, as nossas personalidades divididas - sendo radicais nas reuniões, pensamentos e jornais, mas na nossa vida quotidiana, nas instituições, nos nossos sentimentos e na nossa vida privada na melhor das hipóteses reformadora, muitas vezes apolítica e oportunista, demasiadas vezes até reacionária. Mesmo na nossa suposta comunidade de crenças, apenas nos metemos num dos muitos papéis que tínhamos de desempenhar nas nossas vidas. A cena, o grupo, a maioria dos nossos contactos sociais eram, na melhor das hipóteses, comunidades de objetivos, as nossas relações eram pragmáticas, calculadas e centradas no nosso próprio benefício individual. Como não podíamos mostrar o nosso verdadeiro eu mesmo no nosso ambiente mais próximo sem



medo de rejeição, desrespeito ou exclusão, a única esperança de escapar à eterna solidão e frieza era a busca da pessoa única e perfeita. A única pessoa que nos podia dar tudo aquilo que a sociedade negava em nós: afeto, proximidade, simpatia, ternura, força, confiança, segurança e apreço, por outras palavras: Amor.

Foi precisamente nestas, nas nossas relações mais próximas, que se revelaram as partes mais feias das nossas personalidades: a inveja, o ciúme, as reivindicações de domínio e de posse eram a regra e não a exceção. Tal como de facto aceitámos e continuámos a aceitar o nosso papel de explorados de exploradores em relação ao Estado e ao capital, reproduzimos de bom grado estas relações vezes sem fim nas nossas próprias relações. O nosso afeto mútuo consistia frequentemente na objetivação mútua e aquilo a que chamávamos amor não era geralmente mais do que a promessa final de satisfação das nossas próprias necessidades. Não amávamos os outros, amávamo-nos a nós próprios em primeiro lugar e abusávamos dos outros como um meio para atingir um fim. Dávamos para obter. Nesta base não fomos capazes de viver a verdadeira amizade, a verdadeira camaradagem ou mesmo o verdadeiro amor, bem pelo contrário: na calúnia das nossas próprias realidades semeamos as sementes da humilhação, da desilusão e do sofrimento mútuo.

Encontrar uma forma revolucionária de lidar com todos estes problemas teria significado mudar as nossas personalidades e nós próprios como coletivo, as nossas relações e a nossa vida sem compromissos: libertarmo-nos de todas as supostas limitações do sistema, resistir às suas tentações e seduções, deixar de nos entorpecer, negarmo-nos, colocarmo-nos à prova nos próprios. A verdade é que, a maioria de nós não estava preparada para isso.

Tive de perceber dolorosamente que me tinha tornado parte de toda esta coisa opressiva sozinho, que a alimentei e vivi, aceitei, aprovei e até desfrutei dela. Esta perceção foi, no início, um sentimento ainda mais vago, um efeito secundário de vergonha sobre os meus próprios erros, dor e desilusão, tendo em conta a ausência de uma forma revolucionária de lidar com esta realidade de todos nós, mas também a minha realidade. Isso levou-me a uma crise profunda. Uma crise de significado, literalmente. Nesta situação foram os pensamentos e as análises da Serok APO, que transformaram os

sentimentos em compreensão, que esclareceram dúvidas e ambiguidades. Foi a filosofia do movimento de libertação curdo que me fez compreender a minha própria realidade, ergueu um espelho e chamou-me a assumir a responsabilidade, mas sem moralizar, sem condenar. Foi o PKK que mostrou uma alternativa viável ao círculo eterno de oprimir e ser oprimido.

Enquanto nos afogávamos pessoal e politicamente na falta de perspectiva, na insensatez e cumplicidade com o sistema e apenas reforçávamos as condições dominantes através do nosso modo de vida, os amigos do PKK estavam numa luta impiedosa pela sobrevivência, mas apesar dos seus sacrifícios continuaram a avançar, rumo à vitória. A resistência heróica destas pessoas contra um mundo hostil e contra o fascismo mais cruel já era suficiente para apelar à consciência e à responsabilidade revolucionária. Mas não só moralmente, mas também política e estrategicamente, a análise era clara: embora tentássemos desesperadamente não perder completamente a confiança e a esperança num mundo melhor, não havia qualquer hipótese real de sucesso nas metrópoles, não enquanto todos nós beneficiássemos da exploração imperial. O potencial revolucionário deste mundo está no sul global, e houve um movimento que provou na teoria e na prática ser capaz de mobilizar este potencial. Eles tinham conseguido mostrar ao mundo inteiro uma alternativa à barbárie, para dar esperança. O PKK era e ainda é para mim a oportunidade do nosso tempo - o raio de esperança no horizonte, a esperança de reunir as forças fragmentadas e revolucionárias deste mundo e uma possibilidade realista de criar uma oportunidade real para a realização dos nossos sonhos de uma sociedade libertada. A partir de uma perspectiva revolucionária, isso significa necessariamente, através de uma perspectiva global, o internacionalismo, como carácter fundamental, convicção e necessidade estratégica na luta contra um sistema hegemónico, não é uma questão de preferências pessoais, mas um requisito básico para qualquer esforço sério de mudança. Aqueles que disseram estar empenhados na revolução global, mas que praticamente não estão dispostos a sair da sua própria zona de conforto, deveriam manter-se em silêncio sobre a superação do nacionalismo e do individualismo.

Nessa altura, naquele beco escuro, não era uma questão de escolha como é agora. Nenhuma decisão entre opções reais. Quando a verdadeira natureza do sistema e o seu próprio envolvimento nele é reconhecido pela primeira vez, então não pode haver mais desculpas. Não há alternativa à resistência, à luta e à libertação. Aceitar a opressão e a exploração, e legitimar a própria participação ao mesmo apesar das alternativas existentes, não é nada de diferente de um compromisso e solidariedade prática com as circunstâncias dominantes.

Eu não estava preparado para isso. Não estava preparado para me negar, para aceitar e integrar nem o meu próprio status quo, nem o deste mundo. Também não estava pronto para ficar no limiar da segurança e aplaudir, para deixar o trabalho sujo apenas para aqueles que sempre o fizeram por nós.

Nessa noite de outono teria havido muitos argumentos, mas especialmente desculpas, para rejeitar a mão estendida do desconhecido. Mas já estou farto disto.

# Monika Ertl

## *Um Revolucionário Internacionalista*

*E se um dia tiver de cair, então que seja*

*simplesmente por uma grande causa*

*-com raízes na Alemanha, as suas asas cresceram na Bolívia*

Tirej Swiss |

Monika Ertl nasceu em 1937 em Munique, na Alemanha. 36 anos mais tarde, em maio de 1973, foi executada pelas mãos da ditadura boliviana. Filha de um diretor de cinema do regime nazista, ex-mulher de um dono de minas de cobre da classe alta, juntou-se à luta contra as próprias origens de onde veio. Um exemplo apaixonado de um desenvolvimento revolucionário e um modelo para todos os internacionalistas.

### **Situação familiar e casamento precoce.**

O nome da mãe de Monika era Aurelia. Como tantas vezes acontece com as mulheres na história, não há nenhum conhecimento acessível sobre ela. O nome do pai dela era Hans Ertl. Aos 31 anos de idade foi recrutado para ser correspondente de guerra para a Alemanha nazi. Mais tarde, foi o operador de câmara pessoal do marechal de campo Erwin Rommel. Devido à situação geral após a derrota do nazismo alemão, quis aproveitar a oportunidade, como muitos outros nazis, para ir para a América do Sul. A família Ertl, Hans, Aurelia, Monika e as suas duas irmãs mudaram-se em 1952. Instalaram-se numa pequena quinta na Bolívia chamada "La Dolorida". Monika tinha nessa altura 16 anos. Embora a cultura boliviana fosse nova para ela, havia também à sua volta uma grande comunidade de alemães ricos, incluindo o amigo do seu pai e o criminoso de guerra Klaus Barbie. Ela era a filha favorita do seu pai, acompanhava-o em várias expedições para filmar. Aí ela adquiriu experiência em movimentar-se em zonas rurais e também em lidar com armas de fogo. Monika casou com um engenheiro mineiro boliviano-alemão. Isso resultou numa vida diária que consistiu em procurar a casa, beber chá, jogar golfe e organizar eventos de caridade e assim por diante. Recebia ordens pelo seu marido sexista e racista, que "(...) não conseguia parar de a comparar com a sua mãe", a Monika não estava de todo satisfeita com este tipo de estilo de vida.

Em 1969, finalmente tomou a decisão mais importante e radical da sua vida após 11 anos de casamento. Divorciou-se do marido, cortou com todas as suas relações na sociedade de classe alta e entrou para o Exército de Libertação Nacional da Bolívia (ELN), assumindo um novo nome, "Imilla".



### **Tornar-se revolucionária**

Mas o que a levou a tomar uma decisão tão radical? Que experiências e situações vivenciou para dar uma volta de 180 graus na sua vida? Com certeza, uma vez compreendida as suas dimensões, quão profunda deve ser a revolução na sociedade, e quão profundamente, portanto, precisa de mudar, precisa de ser capaz de se comprometer plenamente com uma causa. Não se faz uma revolução sem convicção. Podemos aprender muito com a forma radical de atuar da Monika, nas decisões e nas ações.

Para além do caráter forte de Imilla/Monika, houve vários fatores que a levaram a que tomasse esta decisão. Vamos ver quais:

### **A Perspetiva como Mulher**

Monika chegou efetivamente à posição que a sociedade lhe impunha. Ela era jovem, atenta, bem cuidada, era uma mulher bonita. Casou com alguém de uma família rica. O seu marido era dono de uma mina de cobre e tinha algumas influências e poder económico. O papel de o apoiar em cada uma das suas necessidades diárias e de gerir o lar o melhor possível recaía sobre ela. Outra história de cariz patriarcal aconteceu neste tempo. O seu marido não podia de ter filhos por razões biológicas. Assim, quando as pessoas começaram a questionar o casal casado sobre o porquê de não tinham filhos, toda a culpa de da infertilidade foi atribuída injustamente à Monika. Nesta sociedade, onde o valor de uma mulher é fortemente medido pela quantidade de filhos, principalmente rapazes, que ela dá à luz e cria, este não era um fardo fácil de carregar. O seu casamento não foi de todo construído em pé de igualdade. Assim, a Monika cumpriu este papel-modelo, fez tudo o



que era esperado. Isso foi certamente um ponto de partida que a levou a questionar tão profundamente a sociedade e a classe. Ela percebeu que esta não podia simplesmente ser a vida em liberdade com que sonhava.

### **Perspetiva de Classe e Enquadramento histórico**

Um grande impacto para a sua sensibilização para a luta de classes foi certamente o facto de ter vivido com o seu marido muito perto da mina de cobre de que era dono. Ao ver diretamente a grande diferença entre os trabalhadores normais e as condições em que viviam, e, por outro lado, vivendo ela própria como uma senhora europeia numa casa bem protegida e rica. Com certeza não foi fácil perceber o que há de tão profundamente errado com esta realidade colonial e aprender sobre os próprios pensamentos e comportamentos racistas.

A necessidade de se confrontar com a política, com os assuntos das pessoas comuns e de compreender as suas

preocupações, está também relacionada com a história do seu pai. Monika sentiu-se culpada em relação aos seus antecedentes alemães. Especialmente com o seu pai a participar ativamente e a trabalhar para o Regime Fascista. Ela sentiu-se que devia dar algo de belo, algo de revolucionário de volta ao mundo.

### **O Mundo em movimento**

Não só Imilla/Monika estava a mudar e a evoluir durante este período, os movimentos em direção ao socialismo democrático em todo o mundo cresceram em força e esperança. Cada vez mais esforços e êxitos anti-imperialistas disseminaram-se pelos continentes: em África. América do Sul e Ásia. A resistência popular no Vietname estava no seu auge, estava a acontecer a revolução na República do Congo, o movimento dos direitos civis nos Estados Unidos estava a encontrar uma nova força, enormes manifestações de estudantes e trabalhadores estavam a acon-

tecer na Europa e levantamentos ainda maiores na parte oriental. Parecia que os movimentos antissistêmicos da periferia capitalista e os das metrópoles estavam unidos, o que criou uma situação única na história. A dominação capitalista foi abalada, chegando aos seus alicerces. Podemos ver na Monika um exemplo para o espírito do seu tempo.

### A Vingança de Monika Ertl

Em outubro de 1967, Che Guevara morreu vítima de uma emboscada. As suas mãos foram cortadas, por ordem de Roberto Quintanilla Pereira, e o seu corpo foi enterrado num local secreto. Com ele muitos camaradas caíram *shêid*. Tal como em outros Estados sul-americanos, o programa de contrainsurreição da Bolívia foi construído sobretudo através das experiências de antigos membros das SS no exílio, de acordo com a forma como as SS foram organizadas na Alemanha, entre eles Klaus Barbie, que na realidade também estava ao serviço da CIA. Roberto Pereira foi o principal oficial contra-guerrilheiro. Ele era conhecido como "Guerrilheiro-Caçador" e responsável pela tortura e assassinato de muitos camaradas.

Em 1969 a nossa amiga internacionalista juntou-se ao Exército de Libertação Nacional da Bolívia. A guerrilha ainda se encontrava numa fase crítica, mas mesmo com um número reduzido de elementos, enfrentando uma forte repressão e carecendo de apoio na sociedade, continuava a crescer.

Monika iniciou uma relação com Inti Peredo, o líder da Guerrilha e sucessor de Guevara, que também caiu *shêid* no final deste ano pelos serviços secretos do Estado nas mãos de Pereira. Monika escreveu um poema após a morte de Peredo. Um poema pode transmitir e explicar sentimentos, mas não é suficiente para mudar situações e momentos. Para a mudança e a justiça, são necessários mais do que sentimentos.

"Quintanilla, Quintanilla....

Já não encontrará paz nas tuas noites...

Roubou a vida de Inti

E referia-se a toda a comunidade".

Pereira aceitou o cargo de cônsul boliviano na Alemanha para fugir ao risco de vingança contra ele. Mesmo assim, isso não podia protegê-lo. Monika Imilla viajou de volta ao seu país natal com uma missão clara. Em 1971, foi ter diretamente com Pereira e disparou três balas no peito do cônsul. Esta ação é algo de especial na história.

Enquanto muitos falavam de vingança e de decisões radicais, Monika tinha a determinação e a força ideológica de fazer seguir ao pensamento a ação.

Conseguiu fugir e ir para Cuba, onde se juntou ao filósofo e jornalista francês Régis Debray. Juntos "pensaram em diferentes operações possíveis sobre como ganhar solidariedade internacional, e então tivemos a ideia de raptar o antigo chefe da Gestapo da cidade francesa de Lyon, Klaus Barbie, e entregá-lo a França para o seu julgamento final.

Monika regressou à Bolívia, onde o ELN estava a trabalhar para tirar os Kadros do país, mas não antes de espalhar sementes na sociedade para um regresso posterior. Numa pequena casa em La Paz, Imilla trabalhava na impressão e distribuição de folhetos. Insistiu em ficar lá e continuar o seu trabalho.

Em 12 de maio, nas ruas de La Paz, na Bolívia, Monika "Imilla" Ertl foi vítima de uma emboscada, foi capturada, torturada e mais tarde morta pelo Governo boliviano. Com ela estava Ukaski, uma jovem internacionalista argentina que partilhou o mesmo destino.

O próprio Klaus Barbie a reconheceu num espaço público.

O internacionalismo e o que podemos aprender com Monika "Imilla" Ertl

Esta história é sobre uma mulher alemã que se juntou à luta armada, influenciada pela luta revolucionária cubano-argentina na Bolívia, que assassinou um boliviano na Alemanha e foi assassinada, juntamente com uma argentina, na Bolívia com o envolvimento de um nazi alemão que trabalhava para a CIA.

A história de Monika Ertel é um exemplo sobre o que é o internacionalismo. Trata-se de ver cada luta de grupos e de culturas no seu lugar, dentro de uma Luta maior ao longo da história. Para perceber as nossas semelhanças na opressão, a nossa unidade no poder. Trata-se de ultrapassar as Fronteiras criadas pelo Estado. De acordo como isso e as nossas possibilidades significa juntarmos onde for mais necessário. Reforçar estrategicamente lutas significativas nos seus momentos mais importantes em qualquer parte do mundo. Trata-se de ligar Movimentos e apoiar uns aos outros. Significa aprender diferentes perspectivas e táticas e aplicá-las de acordo com as circunstâncias.

Então o que podemos aprender com Monika "Imilla" Ertl? Uma coisa é, como escrito anteriormente, a sua radicalidade na decisão. A sua capacidade de pôr em prática análises e conclusões com um empenho inabalável é realmente inspiradora. A Monika "Imilla" foi capaz de romper as suas ligações de classe e sacrificar tudo. Também podemos aprender com ela a não desistir perante a repressão pesada, e até mesmo a derrota.







# Trabalho de saúde na Revolução

## *Entrevista com Xweza*

Estamos agora a entrar no 10º ano desta revolução. Isto é uma grande conquista que talvez nunca pensássemos ser possível alcançar. Desde o início, enfrentámos o Daesh, assim como muitas outras forças jihadistas, e avançámos até os derrotar. Depois do Daesh enfrentamos agora o seu principal apoiante, o Estado turco. Mesmo com a sua superioridade militar, resistimos enormemente, criando uma barricada perante as aspirações imperialistas e neo-Otomanas de Erdogan. Apesar disto, não podemos cair no erro de acreditar que esta revolução puderia ter sido vitoriosa sem sacrifício. Quando agora pensamos sobre a história de resistência do povo do norte e leste da Síria, temos de pensar imediatamente no sangue derramado por tantas e tantos camaradas. Mas também devemos recordar as vidas dos tantos camaradas que puderiam ter sido salvos se tivesse sido possível estabelecer conhecimento médico e uma melhor situação de saúde. Desde os primeiros anos da revolução, muitos e muitas internacionalistas e camaradas da região esforçaram-se imenso para melhorar esta situação. Por esta razão, hoje iremos falar com Xweza sobre a importância do trabalho médico na revolução.

**Todas as áreas da sociedade devem ser afetadas e desafiadas pela revolução e pelas suas ideias. Então qual é a abordagem do movimento revolucionário face à medicina? Quais são os objetivos revolucionários para esta área e, é claro, quais têm sido os principais obstáculos e contradições encontrados?**

O entendimento da saúde vai de mãos dadas com a sociedade e com o processo que ela vivenciou. Aqui pode-se ver em todo o lado como a natureza foi destruída pela guerra e como a cultura e identidade do povo esteve sob

ataque durante muito tempo. Aqui pode-se ver os efeitos de uma guerra especial que ataca as ideias, a força e a vida das pessoas todos os dias. Neste contexto, a saúde da sociedade foi afetada em grande medida, incluindo na forma de se auto-organizar. Está a decorrer uma guerra feroz a todos os níveis. O núcleo da revolução é o recuperar da saúde da sociedade. Para isto, a prática e a ideologia devem andar de mãos dadas. Desde o início da revolução, houve esforços enormes para recuperar a nossa saúde; dentro das estruturas de saúde foi feito muito trabalho para mudar a mentalidade do povo para

ver que a saúde também se trata de prevenção. Quando se vive numa zona de guerra é muito difícil pensar no futuro. Isto é um grande desafio na abordagem à saúde. Existem muitos problemas de saúde causados pelas condições de vida, a qualidade da água, pela comida, pelas doenças e pelo stress. Há também pessoas a ficarem feridas devido às condições de vida e de trabalho e, naturalmente, devido aos ataques durante ofensivas militares. Portanto, trata-se realmente de mudar o estilo de vida e capacitar as pessoas a recuperarem uma compreensão da saúde. Há uma enorme necessidade de espalhar o conhecimento e a prática dentro da população para que as pessoas não dependem tanto da experiência dos médicos, que são geralmente homens e frequentemente estudaram no estrangeiro.

Este ano, as primeiras médicas da Academia de saúde de Rojava terminarão o curso. Durante os últimos anos, as enfermeiras recém-treinadas também começaram a trabalhar. A Academia de saúde também dá educação ideológica para seguir a ética da prática revolucionária. Durante a guerra de Serekaniye, muitos dos médicos fugiram. Tem de haver um forte compromisso para trabalhar num lugar como Rojava. É necessária uma abordagem revolucionária.

Em termos de saúde natural, também estão a ser feitos trabalhos pelo movimento das mulheres para recuperar práticas antigas e recolher o conhecimento que as mulheres tinham no passado. Em muitas aldeias, as mulheres mais velhas ainda mantêm estas práticas e agem como parteiras. Mas é também algo que foi eclipsado pela medicina moderna. As mulheres de Rojava escreveram livros e fizeram oficinas para recuperar este conhecimento. Há também um projeto de saúde das mulheres na aldeia de mulheres de JINWAR que dá educação sobre a saúde natural e atua como uma clínica para as mulheres, bem como um centro de pesquisa. Este projeto, chamado Sifa Jin, está na sua fase inicial e está a enfrentar dificuldades, por exemplo, em encontrar médicas e profissionais de saúde locais. Devido à exclusão das mulheres

da escola e da educação antes da revolução, este é um grande desafio. Mas os trabalhos estão em curso! Em termos de primeiros socorros militares, o conhecimento não está generalizado. Muitas companheiras tornaram-se mártires devido à falta de conhecimento sobre o tratamento de lesões. Agora, há educação sobre primeiros socorros para as forças militares, mas ainda há a necessidade de espalhar o conhecimento sobre auto-tratamento e aquisição de materiais médicos. O uso de torniquetes, por exemplo, era geralmente desconhecido para as forças militares. Muitos companheiros morreram a caminho do hospital por causa da perda de sangue, algo que poderia ter sido evitado pelo uso de torniquetes. Mas estão em curso educações.

### **O movimento das mulheres é central nesta revolução. Então, como é a abordagem dos trabalhos médicos para a questão de género?**

A mulher enfrenta grandes desafios quando se trata de saúde. O acesso à educação é um grande tema, é necessário que haja mais mulheres envolvidas nos trabalhos de saúde para promover a mudança. Há também esforços no sentido de dar às mulheres acesso à educação escolar e a outros estudos. Isto também envolve lidar com valores familiares patriarcais e religiosos que mantêm as mulheres em casa e promovem o casamento numa idade muito jovem. Ao mesmo tempo, as mulheres precisam de se fortalecer e lutar para mudar a sua própria mentalidade. Aqui, o papel de jineolojî, a ciência das mulheres, é muito importante para ajudar a criar uma identidade forte e revolucionária das mulheres. As crianças já aprendem sobre jineolojî na escola e há um curso universitário em jineolojî que inclui o tema de estudos de saúde natural.

O movimento das mulheres está também centrado numa abordagem holística e na ligação à natureza. Muitas mulheres mais velhas têm conhecimento de plantas medicinais e remédios naturais para muitas doenças do dia-a-dia. O desafio agora é difundir este conhecimento e



recolhê-lo para ser implementado e reconhecido dentro do sistema de saúde.

Há também uma grande vergonha do corpo humano devido às normas e moralidade patriarcais; portanto, às vezes é difícil encontrar ginecologistas do sexo feminino. As mulheres defendem o seu direito à sua própria saúde reprodutiva, mas esta ainda está nas mãos dos médicos do sexo masculino. Ainda há parteiras em algumas aldeias, mas geralmente as mulheres vão para o hospital; aqui os médicos do sexo masculino recomendam sempre que elas dêem à luz por cesariana, o que é bastante caro. As mulheres também estão sob pressão de seus maridos para realizar tais operações por razões sexuais. Elas têm muitas crianças, às vezes podem ter até 15 filhos, começando a partir de uma idade muito jovem. Por esta razão, torna-se também uma questão de liberdade e demografia das mulheres, de controlo sobre a sua própria sexualidade e da organização da vida. Mas isto também está a mudar com as novas gerações.

**Quando um camarada ou civil é ferido, o problema não para assim que o companheiro sai do hospital. Há problemas mentais e problemas contínuos que vêm depois destas lesões e podem ocorrer experiências traumáticas. É realmente um grande tema para abordar considerando o ambiente e a situação da região, mas como é que tem sido abordado?**

A cultura comunal aqui é um dos aspectos mais valiosos e impressionantes da sociedade e da própria revolução. As pessoas raramente estão sozinhas, mas é claro que há muitos traumas resultantes da guerra. Muitas pessoas que viveram a guerra desenvolveram transtorno de stress pós-traumático que muitas vezes se manifesta sob a forma de convulsões. Já vi muitas mulheres jovens afetadas por isto. Quando as convulsões ocorrem numa companheira, outras jovens mulheres vêm ter com ela e massajam-lhe os membros, que se tornam rígidos, e protegem a sua cabeça até que a crise tenha passado.

A vida coletiva ajuda, mas há também a necessidade de mais apoio. Há também "casas dos feridos", onde os companheiros feridos vivem juntos comunalmente e levam a cabo diferentes atividades dentro da revolução, e depois, mais tarde, participam em diferentes trabalhos. Há muitas companheiras feridas que permanecem ativas e são amplamente respeitadas e amadas. Trata-se de dar sentido à vida, mas os aspectos fisiológicos são muito difíceis de gerir. Existe alguma ajuda profissional fornecida, mas é um domínio que é difícil de abordar. Como podemos lidar com a saúde mental usando uma perspectiva revolucionária é um dos nossos grandes desafios e é um trabalho contínuo a longo prazo.

**Conseguimos compreender definitivamente a importância dos trabalhos médicos na revolução; é um tema enorme que certamente precisa de mais atenção e discussão. Então, em termos de saúde militar, qual tem sido a abordagem e/ou a evolução nesta área? Como é que isto é recebido?**

A saúde militar é um tema muito amplo. Neste momento, existem centros de reabilitação com fisioterapia e hospitais em todas as grandes cidades, que podem forne-

cer bons cuidados. Nos últimos anos tem havido grandes planos de renovação, novas salas de cirurgia, máquinas trazidas para diferentes tipos de testes e novas infra-estruturas. A longo prazo, as casas para os feridos fornecem muito apoio, mas é claro que há muitas pessoas feridas em Rojava e ainda há muito a fazer.

Providenciar primeiros socorros na linha da frente também é muito desafiante. As pessoas foram para a linha da frente dispostas a dar as suas vidas e seguiram esta ideia de destino. Mas, lentamente, através da educação, a ideia é mudar mentalidades e dar valor a ser capaz de fornecer ajuda em posições de linha da frente; também para mostrar que toda a gente pode aprender e ajudar-se a si mesma. Muitos companheiros recusaram-se a ser resgatados para que outros não arriscassem as suas vidas ao fazê-lo. Havia a ideia de que nada podia ser feito, mas agora isto está a mudar. Quando as forças armadas aprendem aquilo que podem fazer e, mais importante ainda, o que poderiam ter feito, há uma mudança dentro delas.

Os nossos camaradas aprendem muito rapidamente; muitos mostram um enorme potencial para continuar com os estudos e para ensinar-se a si mesmos. Esta é a ideia principal: que podem ensinar umas às outras e ver como este conhecimento lhes pode dar uma influência e um papel mais forte na revolução. É uma habilidade adicional que nos seguintes ataques fará uma grande diferença, também em termos de afetar a psicologia do inimigo. Na guerra todas as feridas são tratadas - até os combatentes do Daesh são tratados pelos nossos camaradas. É uma decisão ética tomada dentro de uma guerra brutal, que serve de exemplo para toda a humanidade. Se cada soldado for capaz de se tratar a si mesmo e os projetos de primeiros socorros se poderem desenvolver com força, isso fará esta luta mais forte. Ter cuidados a este nível eleva a moral.

É com esta mudança que os desenvolvimentos podem acontecer, com as próprias pessoas a pô-lo em prática e a verem-se a si próprias neste papel; para isto, todas as estruturas e áreas da vida têm de avançar ao mesmo tempo. Sem revolução das mulheres, não haveria nenhuma mulher socorrista na linha da frente e as abordagens não poderia mudar; sem trabalho de ecologia, não haveria nenhum valor dado à natureza e ao significado da própria vida; sem organização, não se poderiam ter construído equipas; sem um trabalho de diplomacia, não se poderia ter acesso a material médico vindo do exterior; sem estruturas militares, a terra não estaria nas nossas mãos...e assim por diante. Cada trabalho é parte de todos os trabalhos.





# O que aconteceu na história?

## Novembro:

### 1 de Novembro

1954: Os primeiros tiros foram disparados pelo Exército de Libertação Nacional Argelino na guerra pela Independência Argelina.

### 2 de Novembro

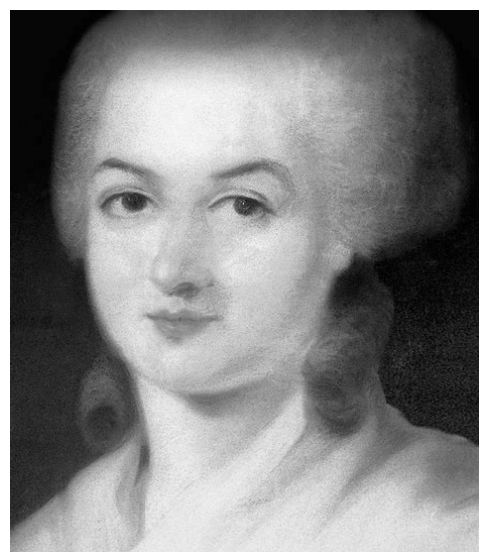
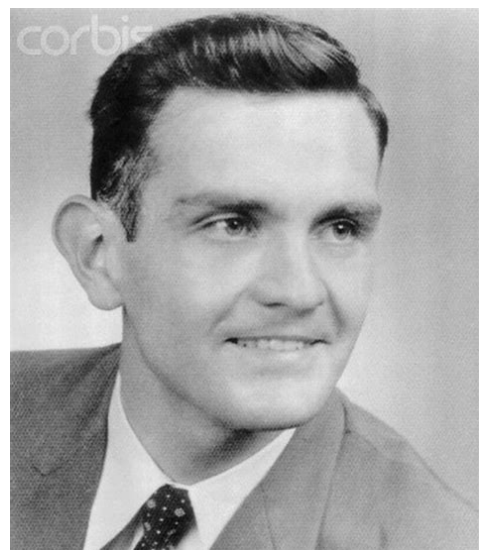
1965: Norman Morrison, um ativista cristão pela paz contra a Guerra do Vietname, queimou-se até à morte em frente do gabinete do Secretário da Defesa Robert McNamara, no exterior do Pentágono.

### 3 de Novembro

1793: Olympe de Gaughes, uma feminista e revolucionária francesa, foi executada em Paris durante o reinado do terror. Foi defensora dos direitos da mulher e escreveu a "Declaração dos Direitos da Mulher".

### 4 de Novembro

1780: Os rebeldes quechua e aymara começam a revoltar-se contra o Império Espanhol no Peru. O objetivo era não só libertar o seu povo da exploração espanhola, mas também restabelecer o papel das mulheres indígenas com a sua participação na vida social e política, uma tradição que o sistema colonial tentou abolir, tornando-as vítimas de todo o tipo de abusos.



## 8 de Novembro

1939: Adolf Hitler escapa por pouco à tentativa de assassinato de Georg Elser, membro do Sindicato dos Trabalhadores da Madeira da Federação de Esquerda e da Associação dos Combatentes da Frente Vermelha. Elser foi preso durante 5 anos e foi executado no campo de concentração de Dachau em abril de 1945.

## 14-17 de Novembro

1973: Em Atenas, a população, liderada por estudantes e trabalhadores, revolta-se contra o ditador militar e ocupa a Universidade Politécnica de Atenas. O movimento de protesto exige o fim da junta militar e considera-se anti-imperialista e anti-Nato. A 17 de Novembro, a Universidade Politécnica foi invadida e as forças militares puseram fim à ocupação. O movimento em torno da Politécnica tornou-se o símbolo da resistência de esquerda na Grécia e a luta de 1973 tornou-se o ponto de consolidação de vários grupos guerrilheiros urbanos radicais de esquerda, tais como o Grupo

## 17 de Novembro

1983: O EZLN, Exército Zapatista de Libertação Nacional, foi fundado em Chiapas. É a organização militar da população indígena em Chiapas, no sudeste do México. O EZLN organizou-se juntamente com a população nos anos seguintes, e em 1994 lançou a sua Revolta da Dignidade, que resultou na libertação de grande parte do território de Chiapas e no governo do povo em conselhos populares.

## 18 de Novembro

1803: Na Guerra da Independência do Haiti contra a França, tem lugar a Batalha de Vertières. Os combatentes da independência saem vitoriosos contra os franceses. A revolução começou em 1791 como uma revolta contra a escravatura e durou até 1804 com a proclamação da República Haitiana. O Haiti foi a primeira nação na América Latina a libertar-se do colonialismo e a estabelecer um governo liderado por negros. Foi a única nação a emergir de uma revolta de escravos bem-sucedida.

## 25 de Novembro

1960: Patria, Minerva e María Teresa Mirabal, três irmãs que lideraram a resistência militante contra a ditadura apoiada pelos EUA de Rafael Trujillo na República Dominicana, são assassinadas pelos serviços secretos dominicanos.

Mais tarde, em sua memória, o 25 de Novembro tornar-se-á o Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres.

## 27 de Novembro

1978: O primeiro congresso do PKK realiza-se em Fis, na região de Lice, no Curdistão do norte. O PKK é fundado e entra na fase de se tornar um partido. Inicia a luta pela liberdade do Curdistão de uma forma organizada.



## 28 de Novembro

1919: Faye Schulman, antifascista e revolucionária judia nasceu em 1919 em Sosnkowicze no que era então a Polónia. Depois da sua família ter sido assassinada pelos nazis, juntou-se aos revolucionários soviéticos e lutou contra os alemães na Polónia e na Bielorrússia.

## 29 de Novembro

1803: A primeira declaração de independência do Haiti foi lida em Fort-Dauphin, foi assinada por revolucionários haitianos. Foi a única luta anticolonial que foi bem sucedida após uma revolta de escravos.

1966: Barbados declarou a independência da Grã-Bretanha, após anos de agitação anticolonial.

## 30 de Novembro

1964: Kabataang Makabayan (Juventude Patriótica), uma organização socialista da juventude filipina foi fundada. Hoje fazem parte da Frente Nacional Democrática das Filipinas.

Ideologicamente, combina elementos do Maoísmo e do Marxismo Leninismo com a organização e autoadministração do conselho comunal.

**Eventos tiveram lugar em novembro mas não podem ser atribuídos a uma data específica:**

### Novembro:

Segunda revolta dos Stellinga, o povo pertencente às religiões naturais da Antiga Saxónia, contra a nobreza saxónica. Após a cristianização pelos Francos 50 anos antes, a prática religiosa e os princípios democráticos dos Saxões foram proibidos. A primeira revolta dos Stellinga teve lugar em 841 e 842 e foi derrotada pela nobreza saxónica após um ano de democracia federalista.



## Dezembro:

### 1 de Dezembro

1919: Durante uma greve dos trabalhadores portuários em Trinidad que se rebelaram contra a exploração, o racismo e o domínio colonial britânico, outros trabalhadores aderiram e seguiu-se uma greve geral que durou, com pequenas interrupções, quase 2 anos.

### 3 de Dezembro

1944: Em Atenas, 200.000 pessoas manifestam-se contra o governo grego, a ocupação britânica e contra o desarmamento da guerrilha da ELAS. Milícias realistas e fascistas em cooperação com os britânicos abriram fogo sobre a multidão, mataram 28 pessoas e feriram pelo menos 140. Em resposta, as forças da ELAS preparam-se para libertar a cidade das forças reacionárias.

### 4 de Dezembro

1868: A trabalhadora antimilitarista Clara Gilbert nasceu no Reino Unido. Foi ativa na oposição à Primeira Guerra Mundial, fundou a League Against War and Conscriptio e foi associada da Federação Socialista dos Trabalhadores de Sylvia Pankhurst, que foi ativo no movimento sufragista.

### 5 de Dezembro

1955: Rosa Parks é presa por recusar ceder o lugar a um homem branco num autocarro no estado norte-americano do Alabama. A comunidade negra do Alabama decide boicotar os autocarros e sair às ruas em grandes manifestações. O boicote aos autocarros acaba por levar à dissolução da empresa de autocarros no Alabama e torna-se um dos pontos de partida do movimento dos direitos civis negros.

### 6 de Dezembro

2008: Alexandros Grigoropoulos, de 15 anos, é morto a tiro por um agente especial da polícia de Atenas durante um controlo policial a Exarchia, em Atenas. O incidente leva a uma rebelião nacional que dura semanas, exigindo uma melhoria social e o fim da violência policial. Dezenas de bancos, edifícios governamentais, esquadras de polícia e veículos são destruídos ou atacados.

### 7 de Dezembro

1949: Os líderes do Kuomintang, as forças reacionárias da República Chinesa, são forçados a retirar com as suas tropas para Taiwan, depois de o Exército Vermelho Chinês ter tomado outras partes do país e de Mao Tse Tung ter proclamado a República Popular da China. Isto põe fim à guerra civil chinesa que durava desde 1927.

### 10 de Dezembro

1861: Nguy n Trung Tr c um antigo combatente da resistência vietnamita contra o domínio francês queima o navio francês L'Esperance no canal de Nhat Tao. Nguy n Trung Tr c lutou contra a invasão francesa até à sua captura em 1868. Com as suas ações, tornou-se um modelo e inspiração para a futura luta de libertação do povo vietnamita.

1949: A última cidade de origem Kuomintang- na China, Chengdu é cercada pelo Exército Vermelho Chinês. É a última grande batalha travada entre o Exército Vermelho e o Kuomintang.

2015: Em Dêrik é fundado o Conselho Democrático Sírio. É a organização política e social da Revolução Rojava.



## 12 de Dezembro

1974: O Exército do Vietname do Norte lança a sua ofensiva de Primavera que levará à vitória sobre o Vietname do Sul e à libertação do Vietname em 1975.

## 17 de Dezembro

2016: Na província de Kayseri, na Turquia, um autocarro da 1ª brigada de comando é atacado pelos Falcões da Liberdade do Curdistão. 15 soldados foram mortos. A primeira brigada de comando tinha estado ativa no cerco de Sûr contra a juventude curda que lhes resistiu durante 100 dias.

## 18 de Dezembro

1914: Um muro da prisão feminina de Holloway é bombardeado e queimado no decurso de uma campanha levada a cabo pelo movimento das Sufragistas. Várias Sufragistas são postas na prisão, são alimentadas à força e colocadas em isolamento.

## 21 de Dezembro

1598: Os mapuches revoltosos derrotam um exército de ocupantes espanhóis na Batalha de Curalaba, no sul do Chile. A batalha faz parte da revolta mapuche no Chile por volta de 1600.

## 23 de Dezembro

1974: O Grupo 19 de Novembro, uma guerrilha urbana revolucionária na Grécia executa o chefe do escritório local da CIA na Grécia, em Atenas, devido ao apoio dos EUA e dos seus serviços de inteligência à ditadura militar.

## 26 de Dezembro

1969: É fundado o Partido Comunista das Filipinas. Ideologicamente, combina elementos do Maoísmo e do Marxismo Leninismo com a organização e autoadministração do conselho comunal. Desde a sua fundação, tem lutado contra o fascismo, a oligarquia e o imperialismo dos EUA nas Filipinas. O seu braço armado, o Novo Exército do Povo, a sua organização juvenil, sindicatos, organizações indígenas e outros partidos revolucionários uniram-se na Frente Nacional Democrática das Filipinas e lutam ainda hoje contra o fascismo de Duterte e pela revolução nas Filipinas.

## 28 de Dezembro

1942: A "Operação Antropoid" é uma operação da Resistência da República Checa e dos serviços secretos britânicos durante a Segunda Guerra Mundial que levou à morte de Reinhardt Heydrich





# Letra para um hino

| Manuel Alegre

**É possível falar sem um nó na garganta  
é possível amar sem que venham proibir  
é possível correr sem que seja fugir.  
Se tens vontade de cantar não tenhas medo: canta.**

**É possível andar sem olhar para o chão  
é possível viver sem que seja de rastos.  
Os teus olhos nasceram para olhar os astros  
se te apetece dizer não grita comigo: não.**

**É possível viver de outro modo.  
É possível transformares em arma a tua mão.  
É possível o amor. É possível o pão.  
É possível viver de pé.**

**Não te deixes murchar. Não deixes que te domem.**

**É possível viver sem fingir que se vive.**

**É possível ser homem.**

**É possível ser livre livre livre.**



# BAZÊN ZAGROSÊ

